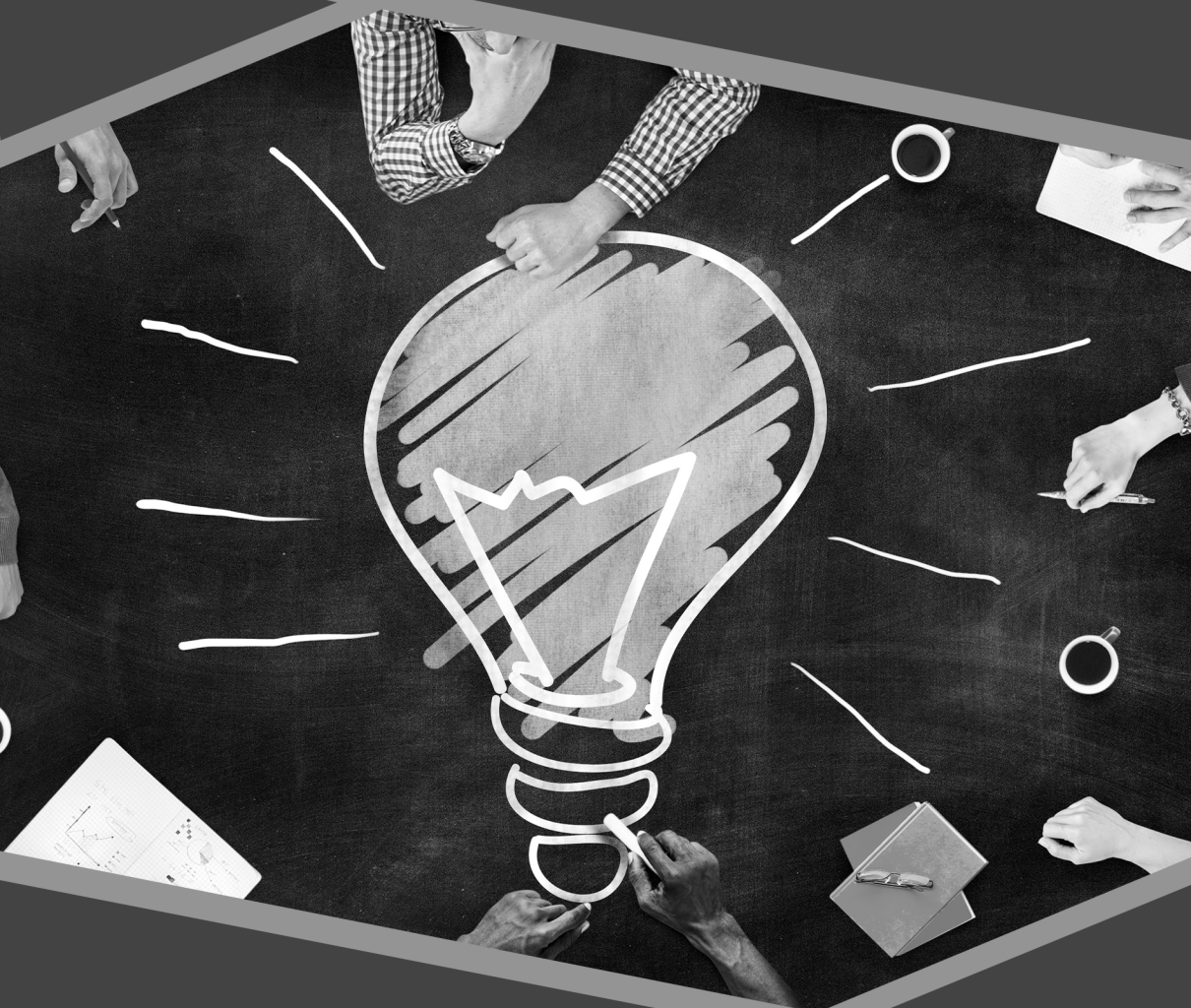


Gestão e Organização da Informação e do Conhecimento 2



Marcelo Pereira da Silva
(Organizador)

Gestão e Organização da Informação e do Conhecimento 2



Marcelo Pereira da Silva
(Organizador)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abraão Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Secconal Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará

Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ

Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe

Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná

Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz

Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa

Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo

Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie

Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Marcelo Pereira da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G393 Gestão e organização da informação e do conhecimento 2 /
Organizador Marcelo Pereira da Silva. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-726-0

DOI 10.22533/at.ed.260211601

1. Gestão do Conhecimento. 2. Informação. I. Silva,
Marcelo Pereira da (Organizador). II. Título.

CDD 658.4038

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

A investigação em gestão e organização da informação e do conhecimento vem alcançando maturidade epistemológica, teórica e metodológica por meio de relevantes estudos que servem de suporte para a cotidianidade de sujeitos e organizações de diferentes culturas e setores de atuação. Este cenário ratifica a natureza interdisciplinar da produção científica no tocante aos usos e sentidos que os sujeitos atribuem à informação e ao conhecimento bem como seus modos de consumo, participação, interação, expressão, assimilação, etc.

Intitulado “Gestão e Organização da Informação e do Conhecimento 2”, este e-book abarca 6 artigos de pesquisadores brasileiros que apresentam análises, teorizações e problematizações que podem gerar ações e políticas benéficas para sociedade, as pessoas e as instituições, haja vista apresentar possibilidades e desafios intrinsecamente ligados à fragmentada e líquida contemporaneidade, encorajando a colaboração e reflexão em iniciativas científicas de forte valor social.

A história da pesquisa em informação e comunicação evidencia perspectivas transversas sobre os objetos empíricos e teóricos, permitindo reformulações e ressignificações que põem em juízo determinismos e relativizações que desconsideram a herança científica de pesquisadores que investiram tempo e vida para construir um campo essencialmente transdisciplinar, intradisciplinar, multidisciplinar e interdisciplinar cuja obra-mestra ainda se encontra em constituição.

Cada artigo que compõe este e-book é um tijolo importante de um complexo edifício que tem na comunicação, na informação e no conhecimento campos fundamentais para a sustentação da existência humana. As relações, diálogos e confrontos de diferentes teorias, metodologias e os resultados apresentados pelos autores que perfilam nesta obra colocam na ribalta emergentes possibilidades para a compreensão [da] e a vida em sociedade.

Marcelo Pereira da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O DISCURSO SOBRE A MULHER BRASILEIRA NO JORNAL PORTUGUÊS <i>EXPRESSO</i> : PRODUÇÃO DE SENTIDO NA ENUNCIÇÃO NOTICIOSA	
Marcelo Pereira da Silva Jéssica de Cássia Rossi	
DOI 10.22533/at.ed.2602116011	
CAPÍTULO 2	14
INTROVERTIDOS NO MERCADO DE AGÊNCIAS DE PUBLICIDADE: COMO ENTENDER E MAXIMIZAR O SEU RENDIMENTO	
Christopher Paes	
DOI 10.22533/at.ed.2602116012	
CAPÍTULO 3	24
TECENDO NAS MALHAS DO TEMPO: NARRATIVAS, ENCANTAMENTO E MEMÓRIAS NO SAMBA-ENREDO DA PORTELA	
Karla Fatima Barroso de Siqueira	
DOI 10.22533/at.ed.2602116013	
CAPÍTULO 4	32
PROVOCAÇÕES ACADÊMICAS: ONTOLOGIAS, TESAUROS, DOCUMENTOS, CONTEÚDO DE DOCUMENTOS, E... UNICÓRNIOS	
Maurício Barcellos Almeida Livia Marangon Duffles Teixeira Jeanne Louize Emygdio	
DOI 10.22533/at.ed.2602116014	
CAPÍTULO 5	46
INFORMAÇÃO PELA TV DIGITAL PÚBLICA INTERATIVA: O PROJETO BRASIL 4D NO DISTRITO FEDERAL	
Cristiana Freitas Gonçalves de Araujo	
DOI 10.22533/at.ed.2602116015	
CAPÍTULO 6	59
ANÁLISE SOBRE OS PROCESSOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA GESTÃO DO CONHECIMENTO EM UMA EMPRESA DE MÉDIO PORTE	
Michelle Cianci Ostetto Alves Tamires Almeida Bressan Jaime Dagostim Picolo Melissa Watanabe	
DOI 10.22533/at.ed.2602116016	
SOBRE O ORGANIZADOR	72
ÍNDICE REMISSIVO	73

CAPÍTULO 1

O DISCURSO SOBRE A MULHER BRASILEIRA NO JORNAL PORTUGUÊS *EXPRESSO*: PRODUÇÃO DE SENTIDO NA ENUNCIÇÃO NOTICIOSA

Data de aceite: 04/01/2021

Marcelo Pereira da Silva

Pós-Doutor em Comunicação pela Unesp.
Docente do Mestrado Interdisciplinar em
Linguagem, Mídia e Arte e do curso de
Relações Públicas da PUC-Campinas

Jéssica de Cássia Rossi

Doutora em Ciências Sociais pela Unesp.
Docente dos cursos de Comunicação do Centro
Universitário Sagrado Coração de Bauru/Sp e
da Faculdade Eduvale de Avaré/Sp

RESUMO: Analisamos o funcionamento do discurso do jornal *Expresso* e a forma como (des) constroem representações acerca da mulher brasileira no imaginário português. Para tanto, recorreremos às teorias do jornalismo e da notícia, apresentando a Análise de Discurso como campo teórico-metodológico para problematizarmos a enunciação noticiosa “Mercado do sexo não escapa à crise” na versão digital do periódico. Identificamos sentidos que podem influenciar negativamente nas representações da mulher brasileira diante da população portuguesa que consome o *Expresso*.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Discurso; Jornal *Expresso*; Mulher Brasileira; Teorias do Jornalismo e da Notícia.

ABSTRACT: We analyzed the speech of the *Expresso* newspaper and how they deconstruct representations about Brazilian women in the Portuguese imagination. To do so, we resorted

to theories of journalism and news, presenting Discourse Analysis as a theoretical and methodological field to problematize the news statement “Sex market does not escape the crisis” in the digital version of the newspaper. We have identified meanings that can negatively influence the representations of Brazilian women before the Portuguese population that consumes *Expresso*.

KEYWORDS: Brazilian women; Discourse Analysis; The newspaper *Expresso*; Theories of Journalism and the News.

INTRODUÇÃO

O processo de construção das notícias na mídia não ocorre de forma aleatória. As notícias podem ser construídas com base em valores correspondentes à ideologia dominante de uma sociedade. Por isso, existe uma série de critérios de noticiabilidade que selecionam e transformam acontecimentos em notícias para a manutenção de um poder vigente. À primeira vista, esses valores permanecem opacos nos enunciados jornalísticos, entretanto, por meio de uma análise mais específica, é possível identificarmos sua existência. Isto posto, o objetivo do nosso trabalho é analisar como os enunciados do jornal *Expresso* (des)constroem as representações da mulher brasileira no imaginário português.

Baseados nas reflexões de Charaudeau (2009) sobre as propriedades da mídia, recorreremos às Teorias do Jornalismo e da Notícia

para compreendermos como os critérios de noticiabilidade selecionam e transformam acontecimentos em notícias. Esta análise aponta-nos como as mídias cumprem o contrato de comunicação midiática, o qual visa, simultaneamente, informar e captar os receptores. Os valores notícia são critérios objetivos que, de certa forma, atendem a essa necessidade das mídias.

Após isso, trazemos à baila como as ferramentas teórico-metodológicas da Análise do Discurso de tradição francesa são utilizadas em nossa análise. Por ela, é possível investigarmos as produções discursivas de cada sujeito pelas posições ideológicas que ocupa em uma sociedade e em dado contexto sócio-histórico-cultural. Expomos as características do jornal *Expresso* e realizamos a análise por meio de um quadro de formações discursivas no qual identificamos os principais sentidos da notícia “Mercado do sexo não escapa à crise”. Por fim, apontamos os principais resultados e associações que as análises nos permitem e como é possível o discurso do jornal *Expresso* influenciar no modo de percepção que os portugueses têm da mulher brasileira.

TEORIAS DO JORNALISMO E DA NOTÍCIA: UNIVERSO TEÓRICO

As Teorias do Jornalismo e da Notícia tratam do processo de produção, circulação e recepção das notícias, fases que apresentam a clássica noção do processo de comunicação (emissão – transmissão – recepção). A abordagem do processo noticioso feito por essas teorias é diversa, mas existem outras formas de enxergá-la, como faz Charaudeau (2009). O estudioso analisa os processos jornalísticos com base nas propriedades da instância midiática, enfatizando o discurso da informação relacionado a três espaços específicos de construção de sentido (produção, produto e recepção).

O primeiro lugar na instância midiática compreende a produção da informação como a organização, seus atores, etc. O segundo lugar abrange a construção do produto como o artigo de jornal, o boletim radiofônico, telejornal, etc. O terceiro lugar compreende as condições de interpretação como os leitores, os ouvintes, os telespectadores, etc. Por essa distinção, é possível, segundo Charaudeau (2009, p.28), “(...) explicar a informação como algo que não corresponde apenas a intenção do produtor, nem apenas a do receptor, mas como resultado de uma co-intencionalidade que compreende os efeitos visados, os efeitos possíveis e os efeitos produzidos”. Dessa forma, fica mais evidente o ambiente no qual os processos jornalísticos encontram-se inseridos.

O jornalista é o agente principal na construção de sentido das notícias na instância midiática. Ele direciona a percepção das pessoas para determinados acontecimentos e interpretações ao invés de outros, considerando que a seleção e a transformação dos acontecimentos em notícias até chegar ao receptor que a interpreta é um processo complexo.

A instância midiática é regida, ainda de acordo com Charaudeau (2009), por certas

especificidades do seu contrato de comunicação que influenciam os processos jornalísticos. O contrato de comunicação midiática se pauta por uma contradição: ao mesmo tempo, precisa ter grande credibilidade na informação e grande captação de receptores. Trata-se da visada de informação, a qual consiste em fazer saber o cidadão que tende a produzir um objeto de conhecimento segundo uma lógica cívica de informar as pessoas, e da visada de captação, a qual consiste em fazer sentir o parceiro da troca, ao tentar produzir um objeto de consumo, conforme uma lógica comercial, para captar as massas e sobreviver à concorrência.

A visada de informação é dominante porque está ligada à credibilidade que supõe que o mundo seja reportado com seriedade. Já a visada de captação ligada à dramatização é secundária, porque é contrária a anterior. Contudo, as mídias navegam entre esses dois polos de acordo com sua ideologia e da natureza dos acontecimentos. Às vezes, utilizar a dramaticidade na exposição dos acontecimentos é um modo contraditório de proporcionar o processo cognitivo da informação por meio de um mecanismo psíquico que integra o saber às representações captadoras.

Diante disso, os processos noticiosos precisam adotar critérios que selecionem e transformem acontecimentos em notícias de modo eficaz e eficiente. Por existir uma gama de critérios de noticiabilidade que buscam construir/produzir notícias, as quais informam e captam o público, consideramos relevante compreender como os valores notícia influenciam nesse processo. Os critérios de seleção sobre o que é notícia são feitos, segundo Hall (1970 apud PONTE, 2005, p.184), pelos jornalistas em termos de significância de conhecimentos inferidos sobre a audiência e a sociedade. Principalmente acontecimentos que violem normas sociais, sejam contraditórios ao cotidiano e às expectativas, sejam dramáticos ou estejam próximas da vida dos receptores.

Os valores notícia selecionam acontecimentos que visam atender às expectativas do público. Mas é importante ressaltar que a instância midiática tem pouco conhecimento sobre os receptores. Existem, segundo Charaudeau (2009), poucos estudos que analisam a instância de recepção, o que ocorre porque é difícil conhecer, adequadamente, essa dimensão. As sondagens e as pesquisas de recepção não conseguem viabilizar conhecimentos significativos sobre isso. Então, as mídias constroem suposições sobre os efeitos que pretendem provocar nos receptores, mas não têm noção sobre quais foram os efeitos produzidos.

Para Charaudeau, os acontecimentos que ocorrem no mundo social são inúmeros, por isso a instância midiática precisa escolher o que será notícia. Isso é feito por meio de dados mais ou menos objetivos, como o tempo, o espaço e a hierarquia. Conforme Galtung e Ruge (1965 apud PONTE, 2005, p.192), os critérios de noticiabilidade não se pautam pelo inesperado ou pela negatividade e que é preciso acentuar outras dimensões de valores notícia. O processo noticioso varia de uma cultura para a outra, mas alguns critérios comuns para a seleção e transformação dos acontecimentos em notícias são: a frequência do sinal;

a amplitude e a clareza; a significância; a consonância; a imprevisibilidade; a continuidade; a complementaridade; a relação com as elites; a personalização; a negatividade.

A seguir, especificamos como são aplicados os critérios de noticiabilidade:

- O **tempo** do acontecimento ou a **frequência** do sinal: os acontecimentos precisam se enquadrar no espaço e no tempo disponível na instância midiática. Eles precisam ter correspondência com o imaginário de criação de um sentido de atualidade (aqui e agora). É por isso que deve existir uma co-temporalidade entre produção e recepção das notícias. A atualidade guia as escolhas temáticas das notícias e explica a efemeridade e a-historicidade do discurso midiático. A efemeridade da notícia é para evitar a saturação de temas e a-historicidade é porque a instância midiática tem dificuldade para olhar para o passado e o futuro. Essa visão superficial do tempo das mídias ocorre porque elas usam, segundo Charaudeau (2009, p.134), “o blefe da narratividade” o qual dá uma espessura temporal aparente para as notícias em detrimento da referencialidade do acontecimento;
- A **amplitude** e a clareza: são recursos que facilitam a percepção das notícias, pois a apresentam de forma mais intensa e distinta. A amplitude corresponde a fatores ligados à distância e à afinidade cultural. A instância midiática tenta estar em todos os lugares ao mesmo tempo e usa recursos para descobri-lo e alcançá-lo. Segundo Charaudeau (2009), é o modo de tratamento da notícia que determina a distância ou proximidade do lugar do acontecimento. Em relação à clareza, vemos que a simplificação das notícias reduz a polissemia dos significados e a construção de interpretações claras e não ambíguas dos acontecimentos indica o que é compatível ou não com os valores sociais;
- A **significância**: está organizada por critérios de etnocentrismo e de relevância. Esta se refere ao que é importante, interessante e poderoso. Contém significados que interessam particularmente aos receptores. Já o etnocentrismo garante a proximidade cultural daquilo que é familiar. Dependendo de qual for a ideologia dominante, os dois critérios servem para definir a identidade de cada grupo social (o eu e o outro). Para Charaudeau (2009), a relevância na hierarquia dos acontecimentos impõe certo recorte do espaço público e certa configuração de um acontecimento.
- A **consonância**: refere-se à correspondência entre o que se percebe e o que se espera perceber. É uma expectativa que pode ser prevista ou desejada, servindo para o reconhecimento de uma ocorrência. As notícias, segundo Ponte (2005, p.206), devem ser consonantes com as normas sociais porque, desse modo, elas são mais facilmente compreendidas e aceitas por jornalistas e leitores (consenso ideológico). A consonância pode servir também para a construção social de estereótipos por meio do poder simbólico das palavras e de objetos que levam ao exagero e à distorção da realidade;
- A **imprevisibilidade**: tudo o que é ordinário e esperado não chama a atenção

do público. Já o que é imprevisível exerce fascínio nos jornalistas e no público. A imprevisibilidade se refere a acontecimentos raros, muito improváveis e surpreendentes. São acontecimentos que não são controláveis pela sociedade; mas, pode ser também algo inesperado como alguma novidade sobre o que já foi noticiado, alguma surpresa, se diferenciar da concorrência e influenciar mais uma agenda pública (concorrência e competição). O inesperado compensa, porém, também interage com o significado e a consonância de um acontecimento, uma vez que esse critério tem algum significado e atrai a atenção das pessoas.

- **A complementaridade** e a continuidade: a complementaridade estimula a diversidade e o equilíbrio na visualização das notícias. Ela busca captar o receptor sem saturar a sua atenção, por meio de uma variedade informativa. As rubricas apresentadas em cada jornal para o seu público também são um critério de complementaridade. Elas facilitam a leitura, mas também constroem representações culturais dos acontecimentos. Já a continuidade busca manter algo que se instalou como notícia e permaneceu em destaque na agenda midiática, mesmo perdendo a amplitude. A continuidade se refere também à concorrência, à auto referência das mídias e à consonância, pois cada mídia segue um enquadramento na produção de notícias.
- **A relação com as elites:** a instância midiática tende a centrar suas atenções nas elites ao invés das pessoas comuns, haja vista que as ações daquelas tem mais consequências do que estas. As nações elites, por exemplo, dominam o espaço público e reduzem a disputa e equilíbrio que deveria ocorrer entre os integrantes nessa dimensão. Além disso, vemos que a diversidade de acesso às mídias ocorre pelo modo como as fontes afetam o conteúdo e apresentam as notícias. De acordo com Fowler (1991 apud PONTE, 2005, p.211), “como as escassas vozes com acesso, provenientes de fontes institucionais ou organizadas, impõe estilos e vozes públicas tendo como consequência uma concentração de uma única categoria social de vozes citadas”. Não há, realmente, uma diversidade de acesso das fontes à instância midiática, por isso ocorre uma concentração de interpretações do mundo social baseadas em algumas fontes, as quais podem estar em sintonia com as elites e o poder dominante.
- **A personalização:** uma notícia tem mais força quando o tratamento é feito em termos pessoais do que por meio de um conceito, um processo ou uma generalização. Muitas vezes, o critério da personalização é combinado com o critério de dramatização para apresentar acontecimentos, envolvendo figuras públicas ou populares. O foco nas pessoas é uma estratégia que pode ocultar discussões sociais e econômicas. A personalização é uma maneira de representar os padrões culturais e sociais sob os quais as pessoas devem ser enquadradas e pensadas.
- **A negatividade:** ligada a outros critérios de noticiabilidade, a negatividade chama mais a atenção das pessoas porque trata do inesperado, raro e imprevisível. Quando associadas a *spot news*, a negatividade, de acordo com van

Dijk (1988a apud PONTE, 2005, p.214), é importante para o processamento da informação cognitiva, emocional e social dos receptores. Pela perspectiva psicanalítica, a negatividade presente nas notícias revela nossos próprios medos; ver o sofrimento dos outros pode nos causar tensão ou alívio. Desse modo, esse critério de notícia atende às necessidades humanas.

Os valores notícia complementam-se no processo de produção noticiosa, cada um cumpre um papel específico. Um acontecimento transformado em notícia é, segundo Wolf (1985 apud PONTE, 2005, p.216), “o resultado de uma ponderação entre avaliações relativas a elementos de diferente peso, relevo e rigidez quanto aos processos produtivos”. De alguma forma, os valores notícia estão ligados a valores dominantes. Em cada circunstância/ocorrência é possível vermos a presença de significados ideológicos diferentes, combinados com determinados valores notícias. Eles devem ser vistos, conforme assinala Fowler (1991 apud PONTE, 2005, p.218), não como marcas de seleção, mas sim como marcas de representação. Isso quer dizer que os critérios de noticiabilidade representam valores ideológicos de um determinado sujeito e/ou grupo inserido no jogo de forças sociais existentes. Forças essas, amiúde ligadas a construções discursivas que fluem no tecido social e tecem seu manto de sentidos.

ANÁLISE DE DISCURSO COMO CAMPO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Ao levarmos em conta que as notícias são produzidas com base em critérios de noticiabilidade que, de alguma forma, tipificam os valores ideológicos de um jornalista, de uma mídia e/ou de uma sociedade, precisamos analisar como esses posicionamentos se imprimem nos discursos. Devido a isso, nossa proposta é analisar uma notícia sobre a mulher brasileira no Jornal *Expresso* baseados no campo teórico-metodológico da Análise do Discurso (AD) na versão francesa. Por esta perspectiva, cada sujeito social produz discursos ancorado na posição ideológica que ocupa no jogo de forças que perpassam o tecido social. Entretanto, o entendimento de como isso ocorre, passa pela compreensão das propriedades dessa área do conhecimento.

O discurso é a prática da linguagem pelo homem, por isso, o papel da AD reside na compreensão dos sentidos produzidos na/pela linguagem. A produção de discursos depende da relação que se estabelece entre ideologia, sujeito e história; como a linguagem não é transparente, precisamos atravessar um enunciado para encontrar os sentidos que um discurso pode produzir. Esta busca, de acordo com Orlandi (2003, p.17), extrai sentidos dos textos e identifica sentidos respondendo “como este texto significa”?

A AD surgiu na França na década de 1960 por meio da confluência de três áreas do conhecimento: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. A explicação para essa convergência é que:

Daí conjugando a língua com a história na produção de sentidos, esses

estudos do discurso trabalham o que vai se chamar a forma material (não abstrata como a Linguística) que é a forma encarnada na história para produzir sentidos: essa forma é, portanto, linguístico-histórica (ORLANDI, 2003, p.20).

Por essa conjunção, percebemos o reconhecimento da materialidade da linguagem. O seu funcionamento depende da relação existente com a ideologia e a história. Pela perspectiva da AD francesa, os indivíduos passam a ser sujeitos de seus discursos por meio das posições que assumem na luta de forças sociais; a cada momento, esses indivíduos podem assumir perspectivas diferentes, dependendo do papel social e do contexto histórico em que estão inseridos. Dessa forma, a interface da linguagem com a ideologia e a história esclarece a importância que a exterioridade tem no exercício da linguagem.

O ato de enunciação de um sujeito é influenciado pelos discursos já existentes em determinado contexto social; o enunciador retoma esses discursos e enuncia novamente de outras formas, produzindo sentidos diferentes. A AD enfatiza o assujeitamento do emissor ao utilizar discursos sociais já instituídos, assim, o objetivo desse campo é compreender como um objeto simbólico está investido de significância. Este objeto tem relação com sua exterioridade, com as condições nas quais foi produzido e que as intenções do sujeito não podem controlar. A produção de sentidos depende dessa exterioridade, que revela as posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio histórico. Os valores ideológicos de um sujeito ou grupo social são conhecidos por Formação Ideológica (FI), a qual se expressa em um discurso por meio de uma Formação Discursiva (FD) que produz sentidos:

A formação ideológica é o conjunto de representações e atitudes relacionadas às posições de classe, em confronto, umas com as outras. A formação discursiva se configura como um conjunto de regularidades presente nos discursos de uma determinada formação ideológica. (BACCEGA, 1998, p. 89-90).

Em um enunciado é possível coexistirem diversas Formações Discursivas (FDs), representando diversas Formações Ideológicas (FIs). Desse modo, ao identificarmos as FDs, identificamos também as FIs. Em nossa análise, depreendemos alguns sentidos existentes em cada FD encontrada nos enunciados do jornal *Expresso*. Lembrando que, de acordo com Maingueneau (1997), o fechamento de uma FD é instável, não pode ser determinado, pois ela é uma fronteira que se desloca em função dos embates de uma luta ideológica. A FD incorpora todas as mudanças que ocorrem no jogo de forças sociais, ela não é uma apresentação estável da perspectiva de um grupo social.

Tendo isso em vista, procuramos formar um quadro de FDs com os principais sentidos produzidos na notícia do jornal *Expresso*. Trata-se de uma análise que aponta as principais regularidades discursivas existentes na perspectiva ideológica em que o jornal e seus jornalistas estão inseridos. Verificamos como os sentidos produzidos pelo discurso do jornal (des)constróem as representações da mulher brasileira no imaginário português.

O nosso corpus de análise é composto por uma notícia sobre as mulheres imigrantes

brasileiras em Portugal em situação de prostituição e/ou violência que as associam à clandestinidade ¹. Escolhemos, aleatoriamente, uma notícia veiculada no ano de 2009 na versão digital do jornal. As FDs estão numeradas e nomeadas com base nos sentidos nucleares identificados e os resultados nos indicam como os sentidos das notícias influenciam na percepção que os portugueses podem ter sobre a mulher brasileira.

O JORNAL EXPRESSO: CONTEXTUALIZANDO

O jornal *Expresso* foi fundado em 1973 por Francisco Pinto Balsemão. O *Expresso* é editado aos sábados em Portugal; sua sede fica na cidade de Lisboa e, atualmente, pertence ao grupo empresarial *Imprensa*. É o semanário de maior tiragem no país. A versão digital do *Expresso* está dividida da seguinte forma: *Início, Actualidade, Economia, Dinheiro, Life & Style, Desporto, Tecnologia e Ciência, Opinião, Blogues, Dossiês, Multimédia, Assinaturas e A a Z*.

QUADRO DE FORMAÇÕES DISCURSIVAS

A notícia “Mercado do Sexo não escapa à crise”, de Nelson Marques e com uma foto de Carlos Ramos, publicada na versão digital do jornal *Expresso*, na parte de *Actualidade*, no dia 24/02/2009, trata das mudanças que ocorreram no “mercado do sexo” em Portugal devido à crise econômica mundial de 2008/2009. Vejamos quais as FDs existentes na notícia, de forma numerada e nomeada, e os sentidos pregnantes que ficaram apensos ao discurso:

1) Legal – ilegal: Uma sociedade tem suas relações reguladas pelo Estado, o qual define o que é considerado legal e ilegal nas áreas da economia, política, saúde, educação, etc. Essa regulação é necessária para organizar a sociedade e manter o poder vigente; apesar disso, muitas atuam de forma ilegal para enfrentar as dificuldades do dia a dia e quem atua dessa maneira, é discriminado pela sociedade. Essa é uma maneira de mostrar que quem está errado não é o poder vigente, mas sim as pessoas marginalizadas.

A) Formalidade – informalidade: Nos anos de 2008 e 2009, ocorreu uma crise financeira mundial com fortes impactos negativos e os reflexos na economia portuguesa foram bem expressivos. Tendo-se em conta a atualidade dessa situação (o tempo do acontecimento)², no momento da publicação da notícia em 24/02/2009, o jornal *Expresso* usou esse contexto para abordar as situações no “mercado do sexo”. O controle da economia é significativo para o poder dominante, por isso é importante noticiar (relação com as

¹ No presente trabalho analisamos apenas uma notícia que faz parte de um *corpus* de análise mais amplo.

² Nas análises da notícia apresentamos alguns critérios de noticiabilidade, citados anteriormente, entre parênteses e apenas com o nome do critério utilizado ou dentro do próprio texto, mas nesse caso citamos que se trata de um critério de noticiabilidade.

elites) qualquer tipo de ameaça. Isso porque o “mercado do sexo”³ lucra com as atividades que oferecem, mas não pagam impostos por tal exercício. Esse mercado é considerado informal, não existe uma formalização legal para a sua existência em sociedade; apesar disso, o jornal *Expresso* arrumou uma forma de mostrar como está a crise neste setor ao dizer que: “(...) basta falar com alguns ‘actores’ desse meio [o mercado do sexo] (...)” para se saber qual é a situação no setor. O jornal *Expresso* usou o critério de noticiabilidade da personalização para mostrar como está a crise no setor ao se valer do depoimento de duas “acompanhantes”. Nessa passagem, o periódico faz com as pessoas que se vendem por sexo, ao utilizar aspas no termo “actores”. Muitos portugueses sabem que as mulheres imigrantes brasileiras se prostituem no país são maioria (conforme FD Imigração – *Mães de Bragança*). Por isso, não é à toa que o depoimento da brasileira, Paula Lee, é dominante na enunciação (o depoimento da “acompanhante” portuguesa, Isabella, aparece somente uma vez). Nesse caso, o jornal utiliza o critério de noticiabilidade “consonância” para responder à expectativa dos portugueses em relação à presença excessiva de prostitutas brasileiras em Portugal. Além disso, o *Expresso* se vale do raciocínio formal da economia para explicar a crise em um setor informal, por meio do critério de noticiabilidade da clareza, a qual visa simplificar a notícia e reduzir a polissemia de significados, como: “A crise, defende a acompanhante, está por isso, ‘mais ligada a quem oferece do que a quem procura’. Um fenômeno que provoca um efeito dominó preocupante (...)” (depoimento de Paula). A racionalidade lógica atua a favor da visão do enunciador, ao simplificar a explicação do problema no “mercado do sexo” para o excesso de oferta de prostitutas brasileiras. Por essas enunciações, a responsabilidade pela crise pode ser atribuída às mulheres imigrantes brasileiras que se prostituem. O jornal *Expresso* também ressalta que: “Diminuir o número de bailarinas é que está fora de questão (...)” (depoimento de dono de uma casa de *strip-tease*), o que quer dizer que as prostitutas brasileiras continuaram presentes na sociedade portuguesa. Pela visão do jornal, entendemos que elas resistem a qualquer custo para permanecer em Portugal, por mais que sejam “as responsáveis” por problemas como a crise no “mercado do sexo” no país.

B) Saúde – Contaminação: Na zona da legalidade, o Estado procura adotar medidas para o controle da saúde da população. No entanto, quando há práticas ilegais na sociedade sem um controle do Estado, há o risco de desenvolvimento de doenças perigosas, como as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA), etc. É o que vem acontecendo no “mercado do sexo” em Portugal, haja vista que o aumento da oferta de prostitutas tem feito com que muitas delas não usem preservativos por exigência dos clientes. Isso, de acordo com o jornal tem provocado “(...) ‘uma deterioração da qualidade do serviço’ (...)” (depoimento de Paula). Dessa forma, há o risco de aumento de infecção de doenças entre “profissionais do sexo” e seus clientes; Por esse motivo

³ O “mercado do sexo” abrange casas/bares de prostituição, *boates*, casas de *strip-tease* e o exercício da prostituição nas ruas.

(negatividade), é importante o jornal noticiar essa situação para que os portugueses lutem contra isso. Tal contaminação - se não for controlada - pode se disseminar pela sociedade portuguesa, é uma possibilidade iminente que pode por em xeque todo o controle social da saúde existente em Portugal. Vemos o alerta do *Expresso* sobre o perigo que as prostitutas, principalmente as brasileiras, representam em trechos como: “Principalmente preocupante, alerta, é o numero de profissionais do sexo que acendem a ter relações desprotegidas”; “Hoje, pelo menos 60% fazem-no [relação sexual desprotegida] (...)” (depoimento de Paula) [...] Muito mais que um descontrole de saúde, essa situação pode ser um risco ao poder dominante (relação com as elites). A utilização dos referidos critérios de noticiabilidade é uma forma de denunciar a presença das prostitutas brasileiras em Portugal, o que corresponde à posição ideológico-discursiva do jornal *Expresso* nessa enunciação.

2) Imigração – Mães de Bragança: O processo de Globalização ao final do século XX, aumentou os fluxos migratórios no mundo inteiro; em Portugal não foi diferente, pois muitos imigrantes escolheram o país para viverem pelo fato de Portugal ter entrado na União Europeia na década de 1990, o que levou muitos brasileiros para lá. Contudo, muitos foram de forma ilegal, exercendo atividades profissionais desqualificadas. As condições de vida são precárias, pois desde o começo do século XXI, Portugal passa por problemas econômicos. Por isso, os imigrantes brasileiros são vistos como concorrente pelos portugueses e, desse modo, o grupo é discriminado. Há também muitas mulheres imigrantes brasileiras que vão para Portugal para se prostituírem. A presença delas no “mercado do sexo” é significativa. Devido a essa presença, em 2003, formou-se um movimento de mães/esposas portuguesas (denominado movimento *Mães de Bragança*), na pequena cidade de Bragança, para contestar a presença ilegal das prostitutas brasileiras em casas/bares de prostituição às autoridades locais. De acordo com o grupo, a presença de brasileiras na cidade estaria “destruindo” lares e famílias portuguesas, pois seus maridos estavam frequentando os locais de prostituição; o episódio ganhou repercussão na mídia portuguesa e internacional, e houve intensa mobilização e fiscalização para acabar com a prostituição na região de Bragança. Todavia, conforme o jornal *Expresso*⁴, em 2008 as mulheres imigrantes brasileiras ainda se prostituíam na região. O veículo procurou a mostrar a continuidade de uma situação que foi muito debatida por ele mesmo numa ação de autorreferência sobre sua atuação (complementaridade e continuidade). Tudo isso, serviu para desqualificar ainda mais a presença dos imigrantes brasileiros em Portugal.

A – O excesso de prostitutas brasileiras em Portugal: Na notícia em questão, percebermos a predominância do critério de noticiabilidade da significância, (etnocentrismo), quando o jornal aborda a quantidade de prostitutas brasileiras que vem explorando o “mercado do sexo” em Portugal como: “(...) Este sector foi muito explorado em Portugal, até o ponto em que atingiu uma saturação” (depoimento de Paula); “(...) a acompanhante [Paula] aponta o aumento da concorrência como principal responsável pela crise no sector.

4 JORNAL (2008, p.1-2)

‘Todos os dias recebo e-mails de mulheres (...) que querem entrar nesta actividade’(...)’ Essa intensidade de prostitutas não é bem vista pelos portugueses, por isso o jornal *Expresso* as culpabiliza pela crise no “mercado do sexo”. Por não serem portuguesas, as mulheres imigrantes brasileiras que se prostituem são consideradas diferentes (etnocentrismo) e de um lugar distante (amplitude – distância e afinidade cultural).

Estes critérios de noticiabilidade são uma das formas mais comuns de se diferenciar o que é próximo e conhecido do que é distante e desconhecido. Eles também estão presentes quando o enunciador usa o depoimento das prostitutas sobre a situação: “As palavras de Paula Lee, uma *call girl* brasileira de 27 anos (...)” e “(...) Isabella, outra acompanhante, também loira e de 27 anos, mas portuguesa”. Na descrição do problema e da nacionalidade delas, percebemos a personalização que o jornal produz ao abordar a situação e descrever a nacionalidade da “acompanhante” portuguesa, utilizando a expressão “mas”. O foco do problema nas duas “acompanhantes” é uma forma indireta de abordar o problema maior sobre a oferta excessiva de prostitutas e o termo “mas” não serve apenas para diferenciar a nacionalidade da acompanhante portuguesa, mas também para qualificá-la. Apesar de Isabella ser prostituta, ela é portuguesa e poucas mulheres lusitanas se submetem à prostituição. Já entre as mulheres imigrantes brasileiras essa prática é comum. O jornal considera que sua presença em excesso em Portugal causou certa crise no “mercado do sexo” de acordo com os posicionamentos ideológicos e discursivos sobre a “Imigração – Mães de Bragança”.

Por este quadro de FDs, percebemos que o jornal *Expresso* – em virtude do uso de alguns critérios de noticiabilidade – produz enunciados cujos sentidos nos apontam a culpabilização das mulheres imigrantes brasileiras que se prostituem pela crise existente no “mercado do sexo”. O tratamento da crise como um fenômeno que afeta a economia formal e se estende à economia informal, é apenas o cenário para a apresentação do problema. Pelo uso do raciocínio lógico (da oferta e da procura), o jornal *Expresso* traz à baila que o ponto realmente está no problema de um setor informal: o excesso de oferta. O jornal recorre a essa forma objetiva (a clareza) para explicar a situação cuja finalidade é: criticar a presença excessiva de prostitutas brasileiras na sociedade portuguesa. A FD “Imigração – Mães de Bragança” nos explica os motivos pelo qual o jornal *Expresso* adota esse posicionamento, o qual é conivente com a visão de muitos portugueses (conivência). Eles acreditam que a presença dos imigrantes brasileiros em território lusitano atrapalha a manutenção do *status quo* vigente (relação com as elites e significância – etnocentrismo) como aconteceu no caso *Mães de Bragança*. Dessa forma, já que o grupo é visto como uma ameaça à ordem da sociedade portuguesa (negatividade), é melhor buscar maneiras de responsabilizá-los pelos problemas e afastá-los de Portugal. A enunciação do *Expresso* acerca da crise no “mercado do sexo” se constrói sob essa fundamentação ideológico-discursiva.

Ademais, vemos que a culpabilização das prostitutas brasileiras (personalização por

meio do depoimento das “acompanhantes”) ocorre em um contexto ilegal, já que a notícia direciona a presença delas para a esfera da informalidade da economia. De acordo com a FD “Legal - Ilegal”, as pessoas as quais se inserem nessa dimensão são discriminadas; por irem contra o poder dominante (relação com as elites), são consideradas pessoas marginais à sociedade e por não seguirem a lei e realizarem atividades “escusas” e “ocultas”, são vistas como clandestinas. É justamente essa associação que o jornal nos permite fazer em relação às mulheres imigrantes brasileiras que se prostituem em Portugal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os fundamentos das Teorias do Jornalismo e da Notícia nos mostram que os critérios de noticiabilidade norteiam a seleção e transformação de acontecimentos em notícias. Esses critérios direcionam a produção de notícias que, de alguma forma, estão ligadas aos valores dominantes de uma sociedade. Podemos considerar as notícias como uma forma de expressão dos posicionamentos ideológicos de seu enunciador, visto que ele é um sujeito inserido no jogo de forças sociais existentes no ventre da sociedade. É por isso que escolhemos a AD como campo teórico-metodológico para identificar esses posicionamentos. O quadro de FDs apresentado nos demonstrou como os valores ideológicos (FIs) do jornal *Expresso* são enunciados (FDs) e identificamos alguns sentidos apensos na construção dessa notícia sobre as mulheres imigrantes brasileiras que se prostituem em Portugal.

De modo geral, os sentidos nos indicaram que a indesejável presença de prostitutas brasileiras em Portugal serve para justificar a existência de alguns problemas na sociedade portuguesa, como ocorre em relação à crise no “mercado do sexo”. A culpabilização das mulheres imigrantes brasileiras é uma forma de desqualificar sua presença em Portugal, por isso a construção enunciativa do *Expresso* a associa ao que é considerado negativo (crise), informal (sem regularização), imoral (à prática do sexo por dinheiro) e ao que é ilegal (oculto/clandestino). Todas essas associações pregnantes na notícia em questão podem direcionar as representações que os portugueses têm sobre a mulher brasileira, em geral à esfera “sombria” da clandestinidade.

Consideramos que essas associações do discurso no jornal *Expresso* (des) constroem as representações da mulher brasileira no imaginário português, seja reforçando modos de percepção já existentes, como a ideia da presença em excesso de prostitutas brasileiras em Portugal, seja criando novas percepções como a ideia de atuação clandestina delas no “mercado do sexo”. Tal situação convida-nos a pensar como podemos descristalizar essas representações e abrir a possibilidade de outros discursos acerca da mulher brasileira em Portugal.

Na esteira de Silva (2009), acreditamos que o jornalismo é a prova da ausência do que designa, organizando-se em um sistema de satisfação, haja vista ansiar a compreensão

e o acompanhamento do mundo no qual nos queremos confortáveis e seguros; a ausência de algumas imagens, de outras informações e de problematizações são levadas a efeito no jornalismo com o intuito de elidir o real, bloqueando a consciência mediante uma satisfação falseada em estereótipos e generalizações no interior de tentativas quixotescas que, ao produzirem, ao contarem estórias, pensam que estão dando consciência, no exato instante no qual injetam seus tóxicos ideológicos em diferentes formas de discurso, como no caso da enunciação “Mercado do sexo não escapa à crise”.

REFERÊNCIAS

BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e linguagem** – Discurso e Ciência. São Paulo: Moderna. 1998.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução de Ângela M.S. Corrêa. São Paulo: Contexto. 2009.

JORNAL Expresso. **Filhas de Bragança**. Prostituição. 28 abr. 2008. Disponível em: <http://aeiou.expresso.pt/gen.pl?p=stories&op=view&fokey=ex.stories/306413>. Acesso em: 01 jun. 2009.

JOTA, Patrícia; SETTI, Daniel. **Brasileira=Prostituta** - É assim que a Europa nos vê. Revista Cláudia. Maio 2008. p. 130-134.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução de Freda Indursky; Revisão dos originais da tradução Solange Maria Ledda Gallo; Maria da Glória de Deus Vieira de Moraes. 3 ed. Campinas: Pontes; Universidade Estadual de Campinas. 1997

MARQUES, Nelson. **Mercado do Sexo não escapa à crise**. *Jornal Expresso - Actualidade*. 24 fev. 2009. Disponível em: <http://aeiou.expresso.pt/mercado-do-sexo-nao-escapa-a-crise=f499355>. Acesso em: 01 jun. 2009.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. 5 ed. Campinas: Pontes. 2003.

PONTE, Cristina. **Para entender as notícias** – Linhas de análise do discurso jornalístico. Florianópolis: Insular. 2005.

ROSSI, Jéssica de Cássia. **As representações da mulher brasileira na mídia portuguesa: Jornal expresso**. (Dissertação de Mestrado – Unesp-Bauru). 2011. Disponível em: http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/89461/rossi_jc_me_bauru.pdf?sequence=1. Acesso em 16 de novembro de 2014.

SILVA, Marcelo da. **Sentidos de Brasil na imprensa argentina**: a teia noticiosa do periódico Clarín. (Dissertação de Mestrado – Unesp-Bauru). 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-marcelo-sentidos-de-brasil-na-mprensa-argentina.pdf>. Acesso em 16 de novembro de 2014.

CAPÍTULO 2

INTROVERTIDOS NO MERCADO DE AGÊNCIAS DE PUBLICIDADE: COMO ENTENDER E MAXIMIZAR O SEU RENDIMENTO

Data de aceite: 04/01/2021

Data de submissão: 21/10/2020

Christopher Paes

Faculdade Sant'Ana
Ponta Grossa – Paraná

RESUMO: O trabalho descreve um estudo de caso feito acerca de profissionais introvertidos no mercado de comunicação. A abordagem utilizada passou pela exploração dos perfis psicológicos existentes e suas características. Deu-se ênfase à eficácia dos métodos de desenvoltura e criatividade implantados em agências de publicidade. O artigo também dialoga sobre cultura da extroversão. Trata-se de uma importante reflexão com base em literaturas e pesquisas que demonstram formas de estímulos e não estímulos para este perfil em específico, a fim de permitir, respeitar e oferecer condições justas para que desempenhem seus papéis mais especificamente em uma agência de publicidade.

PALAVRAS-CHAVE: Introversão. Comunicação. Publicidade.

INTROVERTED IN THE ADVERTISING AGENCY MARKET: HOW TO UNDERSTAND AND MAXIMIZE YOUR INCOME

ABSTRACT: The work describes a case study done about introverted professionals in the communication market. The approach used was

to explore the existing psychological profiles and their characteristics. Emphasis was placed on the effectiveness of the methods of resourcefulness and creativity implemented in advertising agencies. The article also talks about the culture of extroversion. It is an important reflection based on literature and research that demonstrate forms of stimuli and non-stimuli for this specific profile, in order to allow, respect and offer fair conditions for them to play their roles more specifically in an advertising agency.

KEYWORDS: Introversion. Communication. Publicity.

1 | INTRODUÇÃO

Pessoas introvertidas estão em todo o lugar, espalhadas pelo mundo, dificilmente uma pessoa não tem um amigo ou mesmo um conhecido que seja introvertido. No livro Coisas que eu odeio em Networking (2010), Devora Zack traz números interessantes. Durante anos, pesquisadores defendiam que 70% das pessoas dos Estados Unidos eram extrovertidas e 30% introvertidas, com o passar dos anos isso mudou e hoje em dia a divisão é de 50% para cada uma das características pessoais.

Como todas as pessoas, os introvertidos precisam trabalhar, mas algumas crenças do mercado dificultam um pouco esse processo. Muitas vezes, esses profissionais são oprimidos pelo “culto a extroversão”, que dá preferência a extrovertidos e defende que essa é a maneira certa de se comportar.

Em uma análise ao estudo das cinco grandes dimensões da personalidade, feito em 1930, Susan Cain (2012) analisa que eles defendiam que a introversão não era um tipo de personalidade e sim a “falta” de qualidades como autoconfiança e sociabilidade. Ela diz que outros estudos definem a introversão como “Um traço de personalidade de segunda classe, classificada em alguns lugares como decepção e uma patologia” (p. 10).

Isso mostra como as pessoas e até os profissionais enxergam os introvertidos e isso se reflete no mercado de trabalho, que dá preferência para um tipo de personalidade e acaba oprimindo o outro, que precisa fugir das suas características para se comportar de uma maneira que não se sente bem.

Isso fica ainda mais forte no mercado de comunicação, conhecido pelos brainstorms, onde a interação entre pessoas é admirada e muitas vezes forçada pelos gestores. Mas, profissionais introvertidos podem ser muito úteis para empresas de todo o tipo.

Assim, este estudo visa mostrar que pessoas introvertidas têm características que tendem a somar em uma equipe de comunicação. Também busca levar a atenção ao preconceito que o mercado e as pessoas têm sobre os introvertidos, para que consigam entender mais sobre as características diferentes que uma pessoa pode ter, sem que isso seja considerado falha ou defeito de personalidade.

Para isso, faremos uma pesquisa bibliográfica que, segundo Fonseca (2002), é uma pesquisa feita a partir do levantamento de várias referências que já foram analisadas, aprovadas e publicadas, por vários meios escritos e eletrônicos. É uma pesquisa importante, pois reúne várias referências e pessoas que já estudaram sobre o tema.

Essa pesquisa é essencial para entender os introvertidos e todo o universo em que eles estão inseridos, seguido de estudo de caso de fatos e pessoas que são consideradas introvertidas.

Para começar esse artigo, é importante entender o que é a introversão e como pessoas introvertidas se comportam.

2 | O QUE SÃO INTROVERTIDOS?

Segundo o dicionário Aurélio (2016), o introvertido é aquele que se introverteu ou que tem tendência de dirigir para o interior a sua atenção e as suas emoções. Para a psicologia, a introversão é uma atitude ou um tipo de personalidade onde os interesses se dirigem para as experiências mais íntimas do indivíduo, muito mais para suas ideias e sentimentos do que para fatos externos, objetos ou pessoas.

Carl Jung, na obra *Tipos psicológicos* (1920), definiu que Introvertidos têm disposição de dentro para fora da psique. Também definiu que as suas atitudes são orientadas por fatores subjetivos e internos, como ideias, conceitos e objetivos pessoalmente valorizados.

Assim, podemos definir que pessoas introvertidas se preocupam mais com o seu interior do que com o exterior, por isso é comum que em vários momentos se isolem, para

conseguir conexão consigo mesmas.

Devora Zack, no livro *Coisas que Eu Odeio em Networking* (2010), aponta para algo bem importante: “Introversão não é uma doença e nem uma fobia social” (p. 37). A Introversão são traços de um estilo de personalidade de cada indivíduo.

Introvertidos são conhecidos por serem pessoas mais quietas e muitas vezes são apontadas como pessoas que não gostam de eventos sociais ou de conviver com outras pessoas, porém, necessariamente não é assim. Segundo Susan Cain (2012), Introvertidos podem ter várias habilidades sociais e muitos gostam de ir a festas e a reuniões de negócios, conseguem se sentir bem nesses ambientes, porém, depois de um certo tempo, desejam estar em casa, sozinhos com suas coisas particulares para recarregar as suas energias. Introvertidos odeiam jogar conversa fora, porém, gostam muito de ter conversas com discussões mais profundas.

O contrário da introversão é a extroversão, e sobre ela, Carl Jung já apontava algo relevante. Segundo ele, nenhum ser humano é cem por cento introvertido ou extrovertido: “ambas as atitudes existem dentro dele, mas só uma delas foi desenvolvida como função de adaptação; logo podemos supor que a extroversão cochila no fundo do introvertido, como uma larva, e vice versa.” Jung (1971, p. 48).

3 | DIFERENÇA ENTRE INTROVERTIDOS E EXTROVERTIDOS

A Extroversão é o oposto da introversão e, muitas vezes, é considerada a forma correta de se comportar no mercado corporativo. Em todos esses anos, se criou um rito à extroversão e muita gente busca esse tipo de comportamento, mesmo que isso fuja das suas características pessoais

O dicionário Aurélio (2016) define extrovertidos como “que ou quem tem tendência de dirigir para o exterior a sua atenção e as suas emoções”.

Carl Jung (1920) define extrovertidos como pessoas que suas atitudes são orientadas por fatores externos, como ideias e conceitos objetivos e pessoas e objetos socialmente valorizados.

Extrovertidos são muito mais ligados ao externo e a outras pessoas, precisam delas para recarregar suas energias e se sentem bem em locais onde tem muita gente, por isso costumam ser bons para vendas e negócios.

Introvertidos e Extrovertidos têm diferenças bem claras e não é difícil notar quem se encaixa em uma categoria e quem se encaixa em outra.

A diferença que Carl Jung (1971) faz entre introvertidos e extrovertidos reside na direção que seus interesses possuem. Podemos, então, entender extroversão como o foco no objeto e introversão como foco no sujeito. Traçando uma relação entre introvertidos e extrovertidos, ele diz “Um encarregado na reflexão, o outro, da iniciativa e da prática.” (p 47).

Debora Zack (2010) fez uma tabela, com pontos chaves nas diferenças de características entre introvertidos e extrovertidos, que deixa bem claro como cada um se comporta.

Introvertidos	Extrovertidos
Voltados para o Interior	Voltados para o Exterior
Pensam antes de falar	Falam antes de pensar
Obtém energia sozinhos	Obtém energia com outras pessoas
Gostam de poucos estímulos	Aproveitam estímulo simultâneos
Precisam de concentração	Precisam de distração
Concentram-se em pensamentos e ideias	Concentram-se em pessoas e fatos
Preferem discussões a dois	Preferem discussões em grupo
Valorizam a Privacidade	Valorizam o compartilhamento em grupo

Quadro 1 - .

Fonte: (Coisas que eu odeio em Networking, p 36)

Durante todo esse tempo em que construímos o nosso mercado de trabalho atual, construiu-se um culto a extroversão, como Susan Cain (2012) diz no segundo capítulo de O poder dos Quietos. Empresários e gestores consideram que a extroversão é a maneira certa de comportar-se e a introversão é a falta de alguma habilidade.

Dale Carnegie, autor do Best Seller “Como fazer amigos e influenciar pessoas” em 1913, já defendia que a habilidade de falar em público e de se relacionar eram muito valiosas e ajudava várias pessoas a desenvolvê-las.

Warren Susman (2003), diz que nessa época passamos do “culto ao caráter” para o “culto à personalidade” onde passamos de uma época onde o mais importante em um homem era ser honrado, sério e disciplinado, para uma época onde admiravam pessoas que eram ousadas, que sabiam se relacionar bem e que eram divertidas.

Devido a confusão que as pessoas em geral possuem sobre ser introvertido ou tímido, a cultura da extroversão ainda permanece com certa força na sociedade e no mercado de trabalho, muito embora, aos poucos venha sido discutida na tentativa de mudança.

4 | A ESCOLHA DE UMA PROFISSÃO

Quando as pessoas começam a trabalhar, precisam escolher uma profissão para seguir, geralmente isso é feito com base no que a pessoa gosta e no que pensa que suas características se encaixam melhor.

Para Primi et al (2000) o modelo hexagonal de de Holland é muito importante para entender esse processo, pois ele consegue integrar diferentes tipos de personalidades às áreas de trabalho que possuem atividades diferentes, motivadas por motivos bem distintos. No modelo, a escolha profissional é feita com base nas características pessoais somadas aos traços da personalidade. O modelo tem seis tipos básicos:

Tipo realista: Mais direto, voltado para realizações concretas, preferência por máquinas, equipamentos e eventos a trabalhar com pessoas. O seu valor principal são as recompensas financeiras.

Tipo investigador: Mais voltado a exploração intelectual, geralmente é introvertido e não gosta de se socializar, prefere pensar do que agir. Seu valor principal é o conhecimento.

Tipo artístico: Voltado para atividades artísticas e literais, é muito mais emotivo e prefere atividades expressivas. Seu principal valor é a criatividade estética e as emoções.

Tipo Social: Voltado para atividades do terceiro setor e para o ensino. Possui necessidade de atenção e seu principal valor é o bem estar social.

Tipo empreendedor: Gosta de liderança e prefere atividade as quais tem o domínio. Tem tendências a ser oralmente mais agressivo e prefere algumas atividades mais simples, valorizando o status e os ganhos financeiros.

Tipo Convencional: Prefere procedimentos e atividades bem estruturadas, as quais pode simplesmente seguir as ordens, foge de situações confusas e seus valores são o dinheiro e o poder em ocupações sociais.

Olhando friamente, é muito comum pensar que introvertidos não se encaixam no mercado de comunicação, mas analisando os tipos de pessoas e traçando com as funções de trabalho no mercado de comunicação, podemos notar que introvertidos têm características que, se usadas da maneira correta, podem ser úteis para várias funções.

5 I INTROVERTIDO X AGÊNCIAS DE PUBLICIDADE

Agências de publicidade tem uma estrutura bem peculiar de funções e funcionamento, isso vem desde os primórdios e se mantém até hoje (LUPPETI, 2003). Para entender a estrutura de uma agência como empresa, precisamos conhecer os cargos que fazem essa estrutura funcionar. Os cargos base de uma agência de publicidade são o Atendimento, Planejamento, Mídia, Criação e a Produção, além de cargos administrativos como o Financeiro e o RH, tudo isso compõe o capital humano de uma agência de publicidade

Borges (2013) descreveu muito bem todas essas funções. Segundo ele, o atendimento é a ponte entre cliente e agência, fazendo parte do processo como um todo. O planejamento organiza toda a comunicação e deve estar sempre atendo ao mercado como um todo. O mídia utiliza a verba destina da melhor maneira, ou seja, de forma que atinja o público escolhido. A criação é quem dá cores e textos, faz parte do produto final, àquele que cria os layouts que vemos nas ruas. Produção é quem auxilia na materialização das

ideias, sempre em contato com produtoras de vídeo, gráficas e fornecedores necessários para a finalização de cada material.

Bona (2017) aponta um fato importante e verdadeiro do mundo das agências de publicidade. Em agências menores, os profissionais geralmente não exercem apenas um desses cargos, toda a equipe se envolve nas campanhas, gerando acúmulo de funções. Mesmo assim, é sempre importante definir a parte que cabe a cada um.

Em agências de publicidade, é muito comum os *brainstorms*, reuniões que toda a equipe participa e ali são definidas campanhas inteiras, sendo um ambiente livre para o uso da criatividade, onde ideias não podem ser julgadas.

6 | ESTUDO DE CASO - *BRAINSTORMING*

Alex Osborn é um dos principais nomes da história da publicidade mundial, ele é um dos fundadores da BBDO, uma das maiores agências de publicidade do mundo, que segundo seu site oficial, tem mais de 15,000 funcionários, trabalhando em 289 agências espalhadas por 81 países diferentes.

Além disso, Osborn foi o criador de uma das técnicas mais usadas no mundo da publicidade, o *Brainstorming* que é uma técnica em grupo para gerar várias ideias para a solução de um problema. A técnica se popularizou no final da década de 30. Osborn, no livro *Applied Imagination* (1963), defende que, ao fazer um *brainstorming*, as equipes conseguem até duplicar as suas ideias.

O *Brainstorming* tem algumas regras, para garantir que as ideias venham limpas e para que não haja julgamento de ninguém durante o processo. Susan Cain (2012) em o Poder dos Quietos traz alguma das regras que Osborn criou, são elas:

1. Não julgue ou critique ideias, nem as suas nem as dos outros;
2. Seja livre; quanto mais louco o que lhe vier à cabeça, melhor;
3. Priorize a quantidade, e não a qualidade; quanto mais propostas, melhor;
4. Use sugestões de outros membros do grupo para construir suas próprias ideias.

CAIN (2012) traz mais algumas informações importantes sobre o que Osborn pensava do *Brainstorming*. Ele acreditava que em um processo assim, livre de julgamento social, as pessoas iriam produzir mais ideias, pois, segundo ele, o medo do julgamento é que faz as pessoas travarem.

Susan (2012, p.87) traz alguns números de Osborn onde baseia que o *brainstorming* era incontestável. Segundo ele, um grupo fez 45 ideias para uma campanha de eletrodomésticos, 56 ideias para arrecadação de fundos e 124 ideias para vender

cobertores. Em outra simulação feita, 15 grupos fizeram o *Brainstorming* sobre o mesmo assunto, para a solução de um único problema e produziram mais de 800 ideias.

Essa técnica de Osborn é muito forte até hoje, inclusive no mundo acadêmico, onde é uma das primeiras técnicas ensinadas para alunos dos cursos de Publicidade.

Mas, com o passar do tempo, foram surgindo alguns estudos que mostravam que o *Brainstorming* não funcionava assim tão bem, foi o caso do estudo de Marvin D. Dunnette (1963).

Dunnette fez um experimento dentro da 3M Company, um grupo econômico multinacional americano de tecnologia diversificada, em 1963, onde reuniu 48 executivos de publicidade e 48 cientistas e pediu para que realizassem sessões solitárias e de *brainstorming*. Ele dividiu todos os homens em grupos de 4 pessoas, cada um desses grupos recebia um problema para trabalhar em grupo e cada homem também recebia um problema para ser solucionado sozinho. Para contabilizar isso, Dunnette somou a ideia do indivíduo com as ideias dos outros 3 participantes do grupo. Eles também classificavam as ideias de 0 a 4, para entender a qualidade dessas ideias.

O resultado foi que dos 24 grupos, 23 produziram mais ideias quando estavam sozinhos do que em grupo, as ideias feitas enquanto estavam sozinhos, também tinham uma qualidade superior as ideias em grupo.

Dunnette, antes de realizar a pesquisa, acreditava que os publicitários trabalham melhor em grupo do que os cientistas, tese essa que não foi confirmada.

Com tudo isso, Susan Cain (2012) traz uma informação importante, segundo ela, existe 3 motivos para o *Brainstorming* dar errado. O primeiro deles é o ócio social, onde o indivíduo relaxa e simplesmente deixa que os outros façam todo o trabalho, o segundo é o bloqueio produtivo, porque apenas uma pessoa pode falar e dar sua ideia por vez, o terceiro é a apreensão avaliativa, que mesmo que digam que em um *brainstorming* não tenha julgamento, o indivíduo tem medo de parecer burro na frente dos colegas.

Segundo análise dessas pesquisas, percebe-se que por vezes do trabalho individual seja mais efetivo e rentável do que o trabalho em grupo, principalmente, no que diz respeito à preferência dos introvertidos.

7 | ANÁLISE

7.1 Os pontos fortes do introvertido em uma agência de publicidade

Cada indivíduo, devido a sua personalidade, tende a ter a sua função específica em uma empresa. Inclusive, frente a uma contratação, isso já deve estar bem estipulado. Segundo (DUBRIN, 1998, p.151) “O recrutamento é o processo de atrair ao emprego candidatos com as características e habilidades adequadas para preencher as vagas abertas”. Ou seja, antes mesmo da contratação é ideal que se estude o perfil da vaga para

não cometer enganos e desajustes na equipe.

Dentro da esfera do trabalho, do dia a dia da equipe, o que se espera é que haja sinergia e dedicação às soluções, e que as funções sejam complementares. Cain (2012, p. 162) sugere que “quando chega a hora de tomar decisões de grupo, os extrovertidos fariam bem em ouvir os introvertidos - especialmente quando veem problemas pela frente.”

Os introvertidos, em sua maioria, pensam antes de falar, e ainda segundo (ZACK, 2010), não necessitam de tantos estímulos externos, apenas seu próprio poder de observação. Isso pode tornar uma resolução de problema mais rápida e assertiva.

Um estudo apresentado por Cain (2012, p. 162) apresenta que:

“Camelia Kuhnen, professora da Kellogg School of Management, descobriu que a variação do gene regulador de dopamina (DRD4) associada a uma versão da extroversão particularmente inclinada a procurar emoções fortes é um grande indicador da tomada de riscos financeiros. Em contraste, pessoas com a variante do gene regulador de serotonina ligada à introversão e à sensibilidade tomam 28% menos riscos financeiros que os outros.”

Trazendo essa informação para o presente estudo, pode-se observar que introvertidos, em busca de menos emoções, tendem a ser mais comedidos, a fim de não correr tantos riscos. E, de acordo com a pesquisa acima citada, realizada por Dunette na *3M Company*, um profissional introvertido, mesmo que sozinho, torna-se capaz de desenvolver idéias e soluções efetivas.

7.2 Como potencializar as características de um introvertido em uma agência de publicidade

“As Relações Humanas constituem um processo de integração de indivíduos numa situação de trabalho, de modo a fazer com que os trabalhadores colaborem com a empresa e encontrem satisfação de suas necessidades sociais e psicológicas.” (GIL, 2007, p. 19). Portanto, conhecer melhor o colaborador e o seu tipo psicológico, e respeitá-lo por isso, fará dele um profissional comprometido com a relação bilateral estabelecida enquanto empregado e empregador, é promovida então uma espécie de acordo entre cavalheiros.

Além do apelo pelo respeito aos mais variados perfis comportamentais, a procura por outros fatores também tem sido incessante dentro das carreiras dos profissionais, tanto introvertidos, quanto extrovertidos. Já não vale somente o dinheiro. Eles estão à procura de significado, propósito e realização. no mercado de trabalho.

A esse respeito, Whitmore (2012) diz que:

Alguns funcionários, especialmente os mais jovens, estão mostrando sinais de busca da necessidade de realização pessoal. Eles querem que o valor de ser trabalho seja reconhecido e que tenha um sentido e um propósito. Encher os bolsos dos acionistas não é mais visto como importante. (p. 140)

Ou seja, o dinheiro e o poder podem não ser considerados mais importantes que

o propósito e o sentimento de valorização. Sendo assim, um colaborador introvertido, que segundo Zack (2010), é voltado para o seu interior e precisa de concentração e espaço, não seria estimulado externamente por palestras motivacionais que o levassem a se expor mais do que seu próprio limite, muito pelo contrário, isso poderia lhe causar a sensação de desvalorização.

Dentro de uma agência, que é do ramo da comunicação, o qual é assombrado pelo culto à extroversão, esse cuidado deve ser redobrado. Sempre tendo em vista que, o profissional introvertido, se respeitado e compreendido, pode oferecer à equipe o mais alto nível de seu potencial e conseqüentemente, excelentes resultados baseados em dados e observações profundas para a empresa. É só dar em suas mãos o poder de agir, obviamente, a seu modo.

8 | CONCLUSÃO

Existe um culto a extroversão em todo o mercado de trabalho, porém, no mercado de comunicação, vincula-se à imagem do extrovertido o potencial profissional. O que deixa os introvertidos impossibilitados de galgar seus espaços.

A questão é que profissionais introvertidos, conforme os estudos acima apresentados, tem totais condições de entrar no mercado de comunicação e publicidade. O tipo psicológico não os limita, porque afinal, a qualidade técnica unida ao respeito é que podem vir a trazer os resultados esperados.

Outro fator interessante é que, esses colaboradores possuem características de observação, independência, análise criteriosa, precisão e cuidado na resolução de problemas, além de serem ótimos ouvintes, o que pode vir a ser ótimo para os demais colegas extrovertidos.

A tudo isso, soma-se o fato de que muitas das características da extroversão, que são cultuadas como única verdade, nem sempre trazem mais resultados, como o caso do trabalho em equipe e do Brainstorming, sempre presentes no mercado de comunicação.

Por fim, entender as características de cada profissional, inserindo perfis dos mais variados em uma mesma equipe, prezando pelo respeito e individualidade, tende somente a trazer melhores resultados. O culto a extroversão dentro do mercado da comunicação precisa dar espaço à uma nova era, a de promoção de autoconfiança de cada indivíduo, dando a ele o espaço de resolver problemas e dar soluções, fazendo isso da maneira que melhor lhe convir e permitir conforto.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. A. **Tratamento para Timidez**. São Paulo. Disponível em: <<http://www.marisapsicologa.com.br/>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

BAPTISTA, Í. C. Q. **O Fluxo de Trabalho Numa Agência de Propaganda**: do Briefing ao Checking.

BONA, N. C. **Publicidade e Propaganda: da agência à campanha**. Curitiba: IBPEX, 2007.

DICIONÁRIO AURÉLIO. **Qual é o significado de Extrovertido?** Disponível em: <www.dicionarioaurelio.com>. Acesso em: 6 mar. 2018.

_____. **Qual é o significado de Introverso?** Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com>>. Acesso em: 6 mar. 2018.

_____. **Qual é o significado de Timidez?** Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com>>. Acesso em: 6 mar. 2018.

DUNNETTE, M. D. The effect of group participation on brainstorming effectiveness for two industrial samples. **Journal of applied Psychology**, 1963.

FARIA, L. **As 5 grandes dimensões da personalidade**. Uberlândia, 08/11/2014. Disponível em: <<https://www.meucerebro.com>>. Acesso em: 8 mar. 2019.

JUNG, C. **Fundamentos da Psicologia Analítica**. Petrópolis: Editora Vozes, 1971.

JUNG, C.; PASCUAL, A. S. **Tipos psicológicos**. Editora y Distribuidora Hispano Americana, 2008.

CAPÍTULO 3

TECENDO NAS MALHAS DO TEMPO: NARRATIVAS, ENCANTAMENTO E MEMÓRIAS NO SAMBA-ENREDO DA PORTELA

Data de aceite: 04/01/2021

Data de submissão: 26/10/2020

Karla Fatima Barroso de Siqueira

UNIRIO, Programa de Pós-Graduação em
Memória Social
Rio de Janeiro, RJ
<http://lattes.cnpq.br/0889935912492423>

Parte desse texto foi apresentada na IV Jornada da Pós-graduação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO em setembro de 2018, com o financiamento do CAPES.

RESUMO: Este artigo propõe uma abordagem para o estudo do samba-enredo como produção de conhecimentos e articula a memória social com a informação, identificando e analisando os elementos construtores dessa representação cultural. Primeiramente, apresentamos os referenciais teóricos que permeiam a memória coletiva, sobretudo, na visão de Halbwachs, e a compreensão das identidades proposta por Hall. Em seguida, a observação de um caso particular: o samba-enredo *Ilu Ayê* de Cabana e Norival Reis, popularizado no desfile de carnaval da Portela em 1972.

PALAVRAS-CHAVE: Memória coletiva, Samba-enredo, Representação Cultural, Portela, Conhecimento.

WEAVING IN THE MESH OF TIME: NARRATIVES, ENCHANTMENT AND MEMORIES IN THE SAMBA-ENREDO OF PORTELA

ABSTRACT: This article proposes an approach to the study of samba-enredo as knowledge production and articulates social memory with information, identifying and analyzing the building elements of this cultural representation. First, we present the theoretical frameworks that permeate collective memory, especially in Halbwachs view, and understanding of identities proposed by Hall. Then, the samba-enredo *Ilu Aye* by Cabana and Norival Reis, popularized in the carnival parade of Portela in 1972.

KEYWORDS: Memory collective, Samba-enredo, Cultural representation, Portela, Knowledge.

1 | INTRODUÇÃO

Uma das representações culturais sedimentadas no cruzamento de culturas é o samba-enredo. Nasceu nos anos 30 do século XX elaborado dentro das estratégias de sobrevivência cultural afro-brasileira, está relacionado com as profundas transformações mudanças urbanas implementadas por Pereira Passos na cidade do Rio de Janeiro e o deslocamento dos negros alforriados da região do Vale do Paraíba (RJ) para a então capital.

Nesse contexto, nos aproximamos da proposta formulada por Hall (2015) que a identidade muda à medida que o sujeito é interpelado ou representado, essa identidade

está em constante movimento e se adequa, entretanto, as tradições permanecem.

Se a diáspora traz consigo a ideia de dispersão, contudo, devemos considerar as redefinições e elaborações provocadas por esses deslocamentos e desterritorialização. As identidades são afetadas e reorganizadas, é dentro desse processo que observamos no samba-enredo, sua consolidação foi acontecendo aos poucos, sua elaboração está vinculada ao entendimento e manutenção do grupo que se defronta e se molda na negociação dos acontecimentos.

O samba-enredo é um gênero musical brasileiro desenvolvido no universo das escolas de samba e elemento fundamental para a elaboração do desfile carnavalesco tem na sua procedência ligação com a cultura afro-brasileira, e consiste em letra e melodia criadas a partir de um resumo denominada sinopse do enredo.

Anualmente, as escolas de samba passam por seleções de seus temas e sambas-enredo, com seus integrantes participando desse processo, o que confere um caráter de construção coletiva. Eles narram episódios, dá vida aos fatos, exaltam personagens, falam sobre as experiências do cotidiano, assim está definido o samba-enredo no Dicionário da História Social do Samba (LOPES; SIMAS, 2015, p.257).

Esse trabalho discorre sobre a construção do samba-enredo como representação cultural, a partir da abordagem teórica-conceitual do campo da memória social, buscamos relacionar a construção do samba-enredo como processo de construção das memórias do grupo coletivo, neste caso, a comunidade da Escola de Samba Portela. Partindo da hipótese que o samba-enredo é um dos elementos propulsores da constituição da identidade e elaboração das memórias da agremiação.

O conteúdo das letras da música materializa o desencadeamento das memórias narradas pelo samba-enredo. Sendo assim, pretendemos assinalar as estratégias utilizadas pelos sambistas que apoiados em determinados aportes realizam essa dinâmica, nas práticas sociais que abarcam o processo de escolha do samba-enredo.

No entendimento do samba-enredo como construção de narrativas e atualização de memórias, proponho analisar o samba-enredo Ilu Ayê de autoria de Cabana e Norival Reis, elaborado para o desfile oficial do carnaval de 1972 pela Escola de Samba Portela.

E juntamente, o trabalho de Barbosa (2009) como referência para a análise do samba. Nele, o autor aponta os elementos presentes no léxico como diálogo e elaboração característico do próprio gênero musical, e dentro desse discurso os elementos de produção de conhecimentos e informação, na relação do texto e contexto como narração, Contursi e Ferro (2000).

Nesse sentido, entendemos que a evocação de lembranças trazidas por essa produção reafirma valores culturais e saberes e transmitem conhecimentos no samba-enredo.

21 O SAMBA E AS ESCOLAS DE SAMBA: DESFILANDO O CONTEXTO SOCIAL

A tarefa de escrever sobre a criação e história do samba, das escolas de samba e carnaval já foi realizada por diversos autores (CABRAL, 2001; CANDEIA; ISNARD, 1978; MOURA, 1995; SIMAS, 2012. SANTO, 2016; MUKUNA, 1978; SANDRONI, 2001), portanto, neste capítulo. Apresento os antecedentes e alguns aspectos que propiciaram o surgimento do samba, seu contexto social, assim como o surgimento da escola de samba, pois esses processos estão intimamente interligados.

A cidade do Rio de Janeiro foi profundamente impactada pela diáspora africana nas Américas, grupos culturais como o *bantu*, *jejês* e os *nagôs-yorubás* fazem parte da nossa formação. Desse intercâmbio cultural surgiu o samba carioca, criação urbana resultado da amálgama de vários ritmos e manifestações culturais como os batuques, as congadas, capoeira, jongo e lundu (CANDEIA; ISNARD, 1978, p.5). Todos esses elementos são oriundos da cultura dos povos africanos e suas trocas culturais.

Com o fim do trabalho escravo e a chegada da república não houve a integração da população recém-liberta e de seus descendentes, no que diz respeito a cidadania formal.

O Estado-nação rejeitou a presença africana já no século XIX, se por um lado houve um rompimento em relação à África com o fim do comércio escravagista, permaneceu a conexão das religiões afro-brasileiras com os povos africanos.

A República Velha incriminou de diversas maneiras as manifestações culturais vinculadas aos povos africanos, a prática ou o jogo da capoeira estava criminalizada no Código Penal de 1890, casas e terreiros ligados ao culto das religiões afro-brasileiras eram perseguidas e ameaçadas pelas batidas policiais. A posse de instrumentos musicais como um pandeiro era motivo de prisão.

Não houve um engajamento oficial voltado para a agregação, o movimento foi justamente inverso, com o incentivo aos programas de imigração europeia e a defesa do branqueamento da população brasileira, apoiado por políticos e intelectuais para conter que era chamado como atraso civilizatório.

Essa tentativa de “civilização” com a finalidade de sufocar a existência de toda essa massa liberta e carente de inserção na sociedade e no trabalho formal, teve no samba a possibilidade de reinvenção e reconstrução do grupo dentro do espaço urbano.

A interferência das transformações e modernização abalam a percepção do modo de ver e sentir a arte, é dentro desse caldeirão que surge o samba.

De certa maneira o samba dá visibilidade ao grupo e mais do que isso, a transmissão das suas memórias e práticas culturais pela música.

Nesse deslocamento das camadas populares que habitavam a região central da cidade provocado por Pereira Passos e sua reforma urbana, ocorre a ocupação mais expressiva dos subúrbios cariocas, na região dos bairros Oswaldo Cruz e Madureira se estabelecem essas comunidades, que lá encontram os negros alforriados vindos das

fazendas de café.

Foi nesse universo que a Escola de Samba Portela foi criada, uma das escolas basilares e que se confunde com a própria história do samba, tais como as escolas Estácio e Mangueira.

Paulo da Portela, Ismael Silva e Cartola moldaram a criação das escolas de samba, do desfile e do próprio samba, participaram efetivamente na criação e organização de suas escolas e foram também compositores.

3 | NA MUTAÇÃO DO TEMPO: NARRATIVAS E ENCANTAMENTO

Vivências múltiplas e experiências são compartilhadas num mesmo tempo e espaço, o fato de interagirmos com sujeitos distintos socialmente, abarcam nessas relações laços e rompimentos. E simultaneamente, elaboramos nossa memória, não vivemos sem trocas e circulação de significados. A convivência no ambiente de uma escola de samba se insere na participação e entendimento também de experiências de pertencimento. Cantar, dançar e se embalar nas histórias narradas nos sambas-enredo que são construídos uma atmosfera de disputa.

O samba-enredo é feito para consumo ritual, é pensado para o ciclo carnavalesco, para celebração do carnaval. Porém, curiosamente, o caminho que o faz chegar até a festa é repleto de tensão e disputas, a escola de samba se coloca à prova expondo suas diferenças e anseios durante o processo que é conhecido como: a escolha do samba.

É através da negociação e assimilação que o samba-enredo é construído e selecionado por seus pares.

Nesse sentido, corrobora a ideia de Halbwachs (2006) no entendimento de memória coletiva e individual, ao alertar que elas estão ligadas uma à outra. Na sua percepção, a memória sempre representa o coletivo, o grupo social. O individual se submete as prioridades do coletivo, as negociações coletivas legitimam a ação de escolha, é a relação com o todo. As posições individuais e coletivas não são antagônicas e sim complementares, o que reforça o aspecto dialógico da memória:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós, estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece, porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 2006, p. 30).

O samba-enredo convoca, invoca e envolve pelas nuances e teias da construção da memória coletiva, promovendo um diálogo com os conteúdos culturais que são descritos nas suas letras e música e ultrapassando os aspectos descritivos, atingem o sentimento coletivo de manutenção do grupo social, possibilita a reelaboração das memórias nos aspectos narrativos das letras, na narração interpretamos o mundo e a nós mesmos, pois,

ao lidarmos com nossas lembranças a narrativa confere uma coerência na história que é contada.

Mas vale ressaltar que na relação do lembrar se insere também o ato do esquecimento, a memória é seletiva, somos contemplados a aderir ao processo de esquecimento nas negociações, a memória está permanentemente em construção, diz respeito ao passado, presente e futuro e se apresenta sincronicamente.

A memória é simultaneamente, acúmulo e perda, arquivo e restos, lembrança e esquecimento. Sua única fixidez é a reconstrução permanente, o que faz com que as noções capazes de fornecer inteligibilidade, a esse campo devem ser plásticas e móveis. (GONDAR, 2016, p.19).

Para avançarmos no recorte do sambas-enredo da Portela, inicialmente realizamos o levantamento dos sambas existentes, e cantados pela escola nas suas apresentações até os dias atuais. Com isso, a observação de uma ação sistematizadora na qual a informação e a memória estão entrelaçados na construção do samba-enredo, que tem como ponto de partida um texto norteador que orienta os autores, a sinopse delimita o roteiro a ser alcançado, a ação criativa parte desse texto informativo e suas referências.

A concepção do samba-enredo passa pela interpretação e entendimento desse texto, portanto, através dos elementos narrativos inseridos nas letras do samba-enredo que memórias são acionadas e atualizadas, estão impregnadas de informações e se relacionam com a transmissão de conhecimentos.

Para Gonzáles de Gómez (2000) a informação é objeto em qualquer grupo social, histórico, as relações se nutrem de elementos informacionais, é objeto cultural e possui dimensão lógica. Ou seja, a memória coletiva e as identidades são moldadas no campo de interesses e disputas que orientam as estruturas narrativas. A narração é encarada como algo complexo que reforça o sentimento de pertença do grupo, conta-se uma história que reflete

Com esses aportes, a análise do sambas-enredo utilizando a metodologia de Barbosa (2009), nele, o autor se propõe presentes no seu léxico; e no diálogo com elementos característicos do samba em questão, na relação de texto e contexto como aspectos da narração Contursi e Ferro (2000).

Assinalamos que o *corpus* analisado é constituído pela letra do samba-enredo, para melhor compreensão utilizamos as seguintes categorias: lugares, religiosidade, cotidiano, carnaval, lembranças/passado, exaltação a personagens históricos, amor, exaltação a própria escola e seus personagens, saberes e conhecimentos afro-brasileiros, referência a gêneros musicais.

São cerca de dez categorias que nos permitem analisar e interpretar o samba-enredo baseado nos seus próprios elementos de constituição apontados por Barbosa (2009).

Para esse trabalho, utilizamos o samba-enredo intitulado: *Ilu Ayé* composto para o carnaval da escola de samba Portela para o ano de 1972 e de autoria de Cabana e Norival

Reis, segue abaixo a letra do samba-enredo:

Ilú ayê, Ilú ayê

Odara...

Nego cantava na nação nagô.

Ilú ayê, Ilú ayê

Odara...

Nego cantava na nação nagô".

Depois chorou lamento de senzala,

Tão longe estava de sua *Ilú ayê*

Tempo passou, ô, ô

E no terreirão da Casa grande,

Nego diz tudo que pode dizer

É samba, é batuque, é reza, é dança e ladainha

Nego joga capoeira e faz louvação a rainha

Hoje, negro terra, negro é vida

na mutação do tempo, desfilando na avenida

Nego é sensacional

É toda festa de um povo

É dono do carnaval

No início do samba o enunciado *illu ayê* que significa terra da vida no idioma nagô/yorubá, e ilu também pode ser é denominado como uma espécie de instrumento de percussão, ou até mesmo um ritmo específico tocado para os orixás. O samba aponta para o passado negro, primeiro lá na África representada na 1ª. estrofe.

O termo *Odara*, palavra de origem *nagô-yorubá* significa estar bem, e isso era na África, a terra original, o lugar de pertencimento, no samba está explicitado com o verso: onde cantava a nação *nagô*.

E posteriormente, o samba apresenta a condição histórica no Brasil, ser desterrado, estar na senzala, o samba se refere a escravidão sem citá-la diretamente, em: negro diz tudo que pode dizer. Com isso, estão expostas as negociações e trocas culturais na diáspora africana no Brasil.

O samba-enredo aponta para diversas manifestações culturais dessa amálgama: o samba, o batuque, a reza, a dança, a ladainha, a capoeira, à louvação à rainha (do maracatu).

Na segunda parte do samba, é a atualidade do negro com o verso: hoje, negro é terra, negro é vida... na mutação do tempo. A letra do samba percorre as representações culturais sedimentadas pela cultura afro-brasileira e o coloca na escola de samba, desfilando e reverenciando sua contribuição nessa festa como representação cultural.

E vai além, no entendimento da dimensão do tempo na compreensão de um dos seus atributos: a mutação.

Por todos esses elementos observados esse samba-enredo se insere na categoria: saberes e conhecimentos afro-brasileiros, narra sobre a experiência das identidades afro-brasileiras que se moldam desse lado do atlântico, recupera termos do idioma *nagô-yorubá* e seus significados e transmite conhecimentos, revelando um caráter informativo da cultura afro-brasileira.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória social nos permite compreender como diferentes atores sociais elaboram, interpretam e constroem o samba-enredo privilegiando a perspectiva da cultura afro-brasileira, onde o próprio samba reivindica seus próprios saberes, sua identidade e representação cultural. Nas letras dos sambas-enredos identificamos rastros da cultura afro-brasileira trazidas pela diáspora, atualizadas e ressignificadas constantemente pela comunidade da escola. A transmissão de saberes e percepção do tempo nas camadas das lembranças evocadas por todos são percebidas na construção do samba-enredo.

Desse modo, o samba-enredo expressa uma mensagem, uma imagem realizada visando um significado, simbolicamente, ajuda a desvelar as identidades. Afinal, elas não nascem do nada, são geradas pela noção de pertencimento, atendem as contingências de determinados grupos sociais.

O samba-enredo como representação cultural revive mitos, explica visão de mundo, narra práticas sociais da cultura afro-brasileira, sendo um importante mediador de informação e conhecimentos.

O samba-enredo assegura essa teia que tece as relações com a diáspora africana, perpassa pela reelaboração das identidades, restauram elementos da cultura africana e reflete as memórias que são atualizadas e incorporadas nos aspectos narrativos cantados pela escola de samba, nessa prática são partilhados conhecimentos e informação.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Flávio de Aguiar. **Palavra de bamba: estudo léxico-discursivo de pioneiros do samba urbano carioca**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

BARBOSA, M. F. **Experiência e Narrativa**: Edufba, Salvador, 2003.

- CABRAL, Sérgio. **As Escolas de Samba do Rio de Janeiro**. 1ª. Ed. São Paulo: Lazuli Editora, 2011.
- CANDEIA & ISNARD. **Escolas de samba: a árvore que esqueceu a raiz**. Rio de Janeiro: SEEC, 1978.
- CONTURSI, María Eugenia. FERRO, Fabiola. **La narración: usos y teorías**. Buenos Aires: Norma, 2000.
- GONDAR, Jo. Cinco proposições sobre a memória social. In: DODEBEI, V; FARIAS, F; GONDAR, J. (Orgs.) **Por que memória social?** Rio de Janeiro: Morpheus, 2016. P.19-40.
- GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Metodologia de pesquisa no Campo da Ciência da Informação. **DataGramaZero. Revista da Ciência da Informação**. v. 1, n. 6. dez/00. Disponível em: <http://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/27/1/GomesDataGramaZero2000.pdf> Acesso em: 02 out. 2017.
- Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela
Disponível em: www.gresportela.org.br Acesso: 14 set. 2018.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. **Dicionário da História Social do Samba**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. (Org.) **Culto aos Orixás: Voduns e Ancestrais nas Religiões Afro-brasileiras**. 1ª. Edição. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2006.
- MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Coleção Biblioteca Carioca, 1995.
- MUKUNA, Kazadi Wa. **O Contato Musical Transatlântico: contribuição bantu na música popular brasileira**. SÃO PAULO: TERCEIRA MARGEM, 1978.
- MUSSA, Alberto; SIMAS, Luiz Antonio. **Samba de enredo: história e arte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- PAVÃO, Fábio. As escolas de samba e suas comunidades. **Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares**. 2009. v.6. n.1.p.189-190. Disponível em: http://www.tecap.uerj.br/pdf/v6/fabio_pavao.pdf Acesso: 02 jul.2017.
- SANDRONI, Carlos. **Feitiço Decente: Transformações do samba no Rio de Janeiro (1917- 1933)**. Ed. Zahar, 2001.
- SIMAS, Luiz Antonio. **Tantas Páginas Belas: Histórias da Portela**. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2012.
- SIQUEIRA, Karla F. Barroso de. **ORANIAN É PAULO DA PORTELA: Memórias e Religiosidade no Samba-enredo da GRES Portela**. Dissertação de Metrado em Memória Social – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2019.

PROVOCAÇÕES ACADÊMICAS: ONTOLOGIAS, TESAUROS, DOCUMENTOS, CONTEÚDO DE DOCUMENTOS, E... UNICÓRNIOS

Data de aceite: 04/01/2021

Data de submissão: 29/02/2020

Maurício Barcellos Almeida

Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte - Minas Gerais
<http://lattes.cnpq.br/5218069708058487>

Livia Marangon Duffles Teixeira

Centro de Pesquisa e Desenvolvimento em Telecomunicações (CPQD), Centro de Competência - Pesquisa
Belo Horizonte - Minas Gerais
<http://lattes.cnpq.br/5511349023940518>

Jeanne Louize Emydio

Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte - Minas Gerais
<http://lattes.cnpq.br/6849175974671037>

RESUMO: Uma provocação nietzschiana sobre os valores da vida questiona: “qual o valor nos fez escolher os valores que seguimos?” Na vida acadêmica, tal provocação deveria ser regra: questionar e questionar sempre o que fazemos e o que nos levou a fazer o que fazemos, esse é o papel do pesquisador. É nesse espírito de provocação saudável que se apresenta esse ensaio no contexto da Organização do Conhecimento, apresentando questões que ainda surgem a toda hora nesse campo de pesquisa. Como provocação assumida que é, o texto não tem pretensão de estabelecer a

verdade, mas de fomentar o debate acadêmico tão importante para o progresso da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Ontologia Aplicada. Representação do Conhecimento. Organização do Conhecimento.

AN ACADEMIC GIVE-AND-TAKE: ONTOLOGIES, THESAURI, DOCUMENTS, DOCUMENT CONTENTS AND... UNICORNS

ABSTRACT: A Nietzschean provocation about the values of life argues: “which value made us choose the values we follow?” In the academic life, this provocation should be a rule: to challenge and always challenge again what we do and what led us to do what we do, this is the role of a researcher. It is within this sense of a healthy give-and-take that we present this little essay in the context of Knowledge Organization field, presenting issues that still arise several times in our research field. As this essay is an assumed provocation, we do not have in mind to establish the truth, but only to foster the academic debate so important for the research progress.

KEYWORDS: Applied Ontology. Knowledge Representation. Knowledge Organization.

1 | INTRODUÇÃO

Tradicionalmente fundamentada em técnicas e teorias milenares de classificação, a Organização do Conhecimento (OC) é um campo vibrante e dinâmico da Ciência da Informação, essencial para a ciência e mesmo

para a vida cotidiana. Esse protagonismo da OC se consubstancia nas habilidades dos profissionais ali formados em representar, organizar e recuperar o conhecimento produzido nas mais diversas áreas do pensamento e da ciência.

Recentemente, passaram a compor a pesquisa em OC técnicas provenientes da disciplina da Ontologia Aplicada, a qual carrega *insights* filosóficos visando a manipulação automática do conhecimento registrado em meio digital. Nesse ensaio, baseado em indagações sobre a relação entre ontologias e conceitos seminais da OC, já apresentados em artigos anteriores, discutem-se questões simples, ainda que interessantes e provocativas.

Por limitações de espaço, não se apresenta o *background* necessário sobre ontologias e OC, considerando que o leitor é minimamente iniciado nesses assuntos. O restante do presente artigo está organizado em cinco seções: as três primeiras são encabeçadas por perguntas provocativas, a quarta mostra erros de classificação ainda comuns, e a última traz considerações finais.

2 | ONTOLOGIAS E LINGUAGENS DOCUMENTÁRIAS

Duas questões relacionadas compõem a pergunta desta seção, a saber: (a) ontologias são linguagens documentárias? (b) se não são, podem ser usadas como tal?

Uma resposta à primeira parte da pergunta, a questão (a), a resposta mais rigorosa é “não”, ontologias não são linguagens documentárias (LDs). Ontologias são criadas como teorias científicas formais, e não como tipos linguagens, apesar de fazerem uso de alguma. Um renomado filósofo explica na primeira frase de seu livro: “*Esse livro é um livro sobre o mundo. Estou preocupado com ontologia, não com linguagem*” (JOHANSSON, 2004, p. 1). O aviso é claro: existe uma diferença entre as entidades do mundo, em si, e os meios que as pessoas usam para descrever essas mesmas entidades. A ontologia se refere às entidades do mundo, não à convenção usada para se referir às entidades, ou seja, à linguagem.

A resposta para a segunda parte da pergunta, a questão (b), é um “sim”, ou seja, mesmo que ontologias não sejam linguagens documentárias, podem ser usadas como tal. Isso é verdadeiro caso esteja-se referindo ao uso de linguagens de representação adotadas para especificar ontologias, como a *Web Ontology Language* (OWL)¹ ou o *RDF Schema* (RDFS)². O resultado nesse caso será uma LD implementada em um sistema de recuperação da informação da Web, não uma ontologia. A título de ilustração, um fragmento de uma LD implementada na linguagem RDFS, denominado Schema³, pode ser consultado na Figura 1.

1 Maiores detalhes em: <https://www.w3.org/OWL/>. Acesso em: 28 set 2020.

2 Maiores detalhes em: <https://www.w3.org/2001/sw/wiki/RDFS>. Acesso em: 28 set 2020.

3 Maiores detalhes em: <https://schema.org/>. Acesso em: 28 set 2020.

Person

Thing > Person

A person (alive, dead, undead, or fictional).

[more...]

Property	Expected Type	Description
Properties from Person		
additionalName	Text	An additional name for a Person, can be used for a middle name.
address	PostalAddress or Text	Physical address of the item.
affiliation	Organization	An organization that this person is affiliated with. For example, a school/university, a club, or a team.
alumniOf	EducationalOrganization or Organization	An organization that the person is an alumni of. Inverse property: alumni .
award	Text	An award won by or for this item. Supersedes awards .
birthDate	Date	Date of birth.
birthPlace	Place	The place where the person was born.

FIGURA 1 – Fragmento de uma LD implementada em RDFS.

Fonte: Schema.org (2020).

A disciplina Ontologia Aplicada abarca duas dimensões dos estudos sobre ontologias, o primeiro, da ontologia como disciplina pura - ancorada na Filosofia - remetendo aos estudos metafísicos sobre a própria existência, abordando características elementares da realidade como a identidade das entidades, suas qualidades (características - *qualia*) e as relações estruturais que mantém. O segundo remete à ontologia como artefato, quando princípios metafísicos norteiam a representação da informação e do conhecimento em artefatos computacionais formais (representação em linguagem lógica), com perspectivas de redução das dificuldades de acesso uniforme ao dados para consumo pela sociedade informatizada do século XXI (ALMEIDA, 2020b; GRUNINGER et al., 2008). A título de ilustração, uma visão global da *Basic Formal Ontology* (BFO)⁴ (GRENON; SMITH, 2004), que abrange as duas dimensões citadas, pode ser consultada na Figura 2.

4 Disponível em: <http://www.obofoundry.org/ontology/bfo.html>. Acesso em: 28 set 2020.

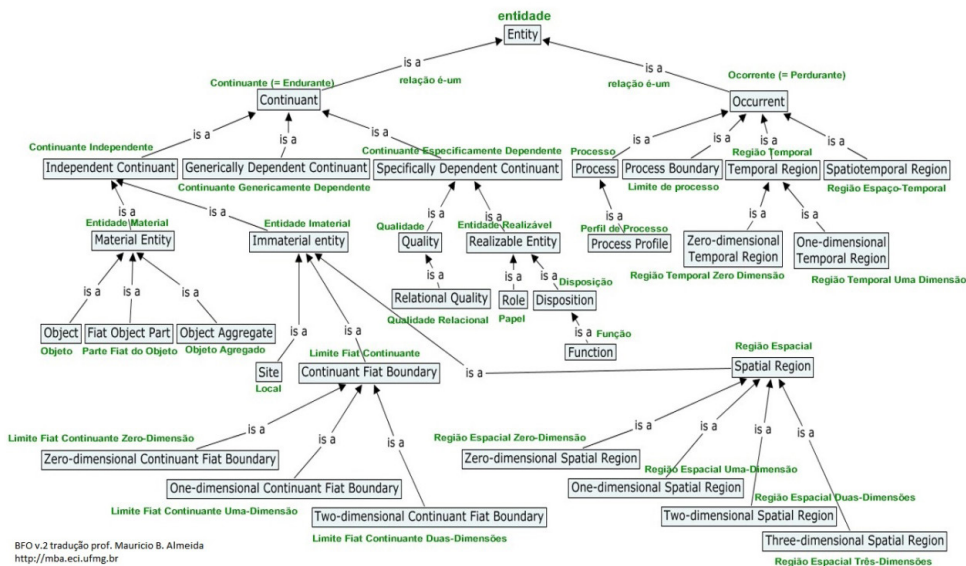


FIGURA 2 – Taxonomia da *Basic Formal Ontology*.

Fonte: Almeida (2020a).

A *Basic Formal Ontology* é atualmente a ontologia que sustenta o repositório de ontologias da *OBO Foundry*⁵ (SMITH et al., 2007), para a construção de ontologias biomédicas, envolvendo em torno de 300 projetos a ela vinculados. Em função do sucesso de sua implementação, ela passou a subsidiar a construção de um novo repositório para ontologias industriais, o *IOF Foundry*⁶ (WALLACE et al., 2018) e fomentou a criação da Norma ISO/IEC DIS 201838-1⁷ - *Information technology — Top-level ontologies (TLO) — Part 1: Requirements*.

3 | ONTOLOGIAS E TESAuros

Assim como na seção anterior (Seção 2), duas questões relacionadas compõem as perguntas da presente seção, a saber: (a) ontologias e tesauros exibem a mesma capacidade de representação? (b) se não exibem, onde residem as principais diferenças?

Já é amplamente sabido que os dois instrumentos mencionados não são diretamente comparáveis e que servem a objetivos distintos. Ao criar tesauros, empregam-se relações *broader-than* e *narrower-than* para organizar taxonomicamente o vocabulário. Essas relações surgem, por exemplo, em vocabulários controlados como o *Medical Subject Headings* (MeSH)⁹, criado para indexação e catalogação de informação médica. São

5 Maiores informações em: <http://www.obofoundry.org/>. Acesso em: 29 set 2020.

6 Maiores informações em: <https://www.industrialontologies.org/>. Acesso em: 29 set 2020.

7 Disponível em: <https://www.iso.org/standard/71954.html>. Acesso em: 29 set. 2020.

exemplos do MeSH: i) *FetalBlood narrower-than Blood*; e ii) *Plasma narrower-than Blood*. Um fragmento desta consulta ao browser do MeSH⁸ pode ser consultado na Figura 3.

Fetal Blood

Blood of the fetus. Exchange of nutrients and waste between the fetal and maternal blood occurs via the PLACENTA. The cord blood is blood contained in the umbilical vessels (UMBILICAL CORD) at the time of delivery.

Definição

Year introduced: 1975

Tree Number(s): A12.207.152.200, A15.145.300, A16.378.200
MeSH Unique ID: D005312
Entry Terms:

- Blood, Fetal
- Bloods, Fetal
- Fetal Bloods
- Cord Blood
- Blood, Cord
- Bloods, Cord
- Cord Bloods
- Umbilical Cord Blood
- Blood, Umbilical Cord
- Bloods, Umbilical Cord
- Cord Blood, Umbilical
- Cord Bloods, Umbilical
- Umbilical Cord Bloods

Termos relacionados

Previous Indexing:

- [Umbilical Cord \(1966-1974\)](#)

[All MeSH Categories](#)
[Anatomy Category](#)
[Fluids and Secretions](#)
[Body Fluids](#)
[Blood](#)
Fetal Blood

[All MeSH Categories](#)
[Anatomy Category](#)
[Hemic and Immune Systems](#)
[Blood](#)
Fetal Blood

[All MeSH Categories](#)
[Anatomy Category](#)
[Embryonic Structures](#)
[Fetus](#)
Fetal Blood

Taxonomia linguística

FIGURA 3 – Fragmento da consulta ao browser do MeSH.

Fonte: NCBI (2020).

Do ponto de vista dos tesauros, essas relações atendem as necessidades de recuperação de documentos: uma consulta usando o termo *blood* retornará tanto artigos sobre *fetal_blood*, quanto sobre *blood_plasma*. Entretanto, do ponto de vista ontológico, as duas relações representam tipos diferentes: enquanto na primeira relação *fetal_blood* é um tipo de *blood*, na segunda *plasma* é parte de *blood*. Essas diferenças são importantes porque enquanto tesauros são criados para uso por pessoas, ontologias são criadas para consumo por máquinas. Um fragmento da ontologia Hemonto (MENDONÇA; ALMEIDA, 2013) demonstrando a relação *parte_de* existente entre *portion of plasma* e *whole portion of blood* pode ser consultado na Figura 4.

⁸ Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/mesh/?term=fetal+blood>. Acesso em: 28 set 2020.

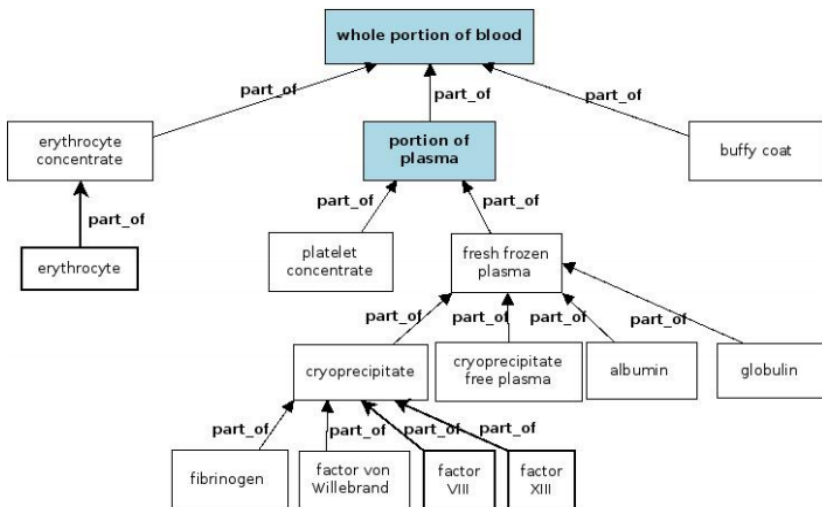


FIGURA 4 – Fragmento da ontologia Hemonto.

Fonte: Mendonça e Almeida (2013).

4 | ONTOLOGIAS, DOCUMENTOS E SEU CONTEÚDO

Na presente seção, a pergunta que norteia a discussão é única: se ontologias são uma descrição de mundo, em que local do mundo se localizam documentos e seu conteúdo, uma vez que documentos e conteúdo são tão relevantes em bibliotecas?

A parte da pergunta sobre documentos como entidades físicas, não apresenta grandes desafios e, portanto, será omitida aqui. A parte da pergunta sobre onde se localiza o conteúdo de documento em uma ontologia não é trivial e nem ontologias como a BFO ou a *Information Artifact Ontology* - IAO⁹ (IAO, 2020) se arriscam a definir o conteúdo de documentos.

A questão reside no fato de que, no âmbito da IAO e BFO, uma *entidade de conteúdo informacional* (nível 6 da FIGURA 5) sempre é sobre (*is_about*) alguma entidade do mundo, considerando o reino espaço-temporal. Entretanto, é fácil imaginar livros cujo conteúdo versa sobre unicórnios, coelhos da páscoa, papai Noel, dentre outras ficções, entidades que não existem no mundo espaço-temporal.

Para lidar com essa situação, Brochhausen et al. (2013) propõem uma entidade abaixo de *continuate genericamente dependente*¹⁰, uma irmã da *entidade de conteúdo informacional*¹¹, denominada *entidade puramente intencional*. Abaixo dessa entidade, é possível abrigar a entidade *conteúdo de documentos* que se refere tanto a coisas do mundo espaço-temporal, quanto coisas imaginadas sobre o mundo. A ontologia que cuida

9 Disponível em: <http://www.obofoundry.org/ontology/iao.html>. Acesso em: 28 set 2020.

10 Na BFO, continuantes genericamente dependentes são propriedades, mas tal entidade pode variar.

11 Na IAO, entidades de conteúdo informacional dependem genericamente de outras e mantêm relações de *aboutness*.

de documentos com efeitos legais - a *D-acts Ontology* (BROCHAUSSEN, ALMEIDA, e SLAUGHTER, 2013) - é um trabalho ainda em andamento, de forma que uma entidade com essas características intencionais deverá ser aprovada em consórcio. Ainda assim, fica aqui a indicação que é possível estudar as entidades a fundo e apresentá-las de forma mais bem fundamentada. Essa é a idéia subjacente aos estudos ontológicos no contexto da Ontologia Aplicada, à saber, buscar formas bem fundamentadas de definir as coisas de forma a classificá-las corretamente.

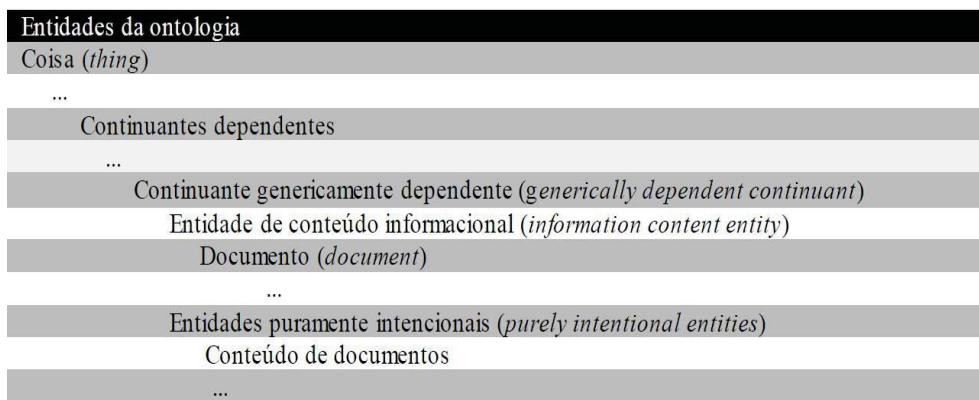


FIGURA 5 – Fragmento de hierarquia com entidades “Documento” e “Conteúdo”.

Fonte: Almeida; Mendonça; Aganette (2013, p.15).

5 I CLASSIFICAÇÃO DE UNICÓRNIOS, CIRURGIAS, PESSOAS, ...

Apresentou-se a localização de entidades fictícias na ontologia, as quais podem ser classificadas abaixo de *entidades puramente intencionais* caso se deseje representar o conteúdo de um livro que tem como assunto unicórnios, por exemplo. Entretanto, ainda cabe questionar onde localizar tais entidades em um sistema de classificação. *Será um unicórnio um animal? Um coelho da páscoa é um coelho? Ou, mudando um pouco o foco dos exemplos, mas na mesma linha: uma cirurgia cancelada é uma cirurgia? Um diretor é uma pessoa?*

A classificação de um assunto para a construção de linguagens documentárias ou até mesmo para a organização física de bibliotecas é fundamentada em teorias como a Teoria da Classificação Facetada de Ranganathan, a Teoria do Conceito (DAHLBERG, 1978) e a Teoria da Terminologia (WÜSTER, 1998; CABRÉ, 1993). Essas práticas de classificação são atribuídas por meio da relação entre o sujeito classificador e o mundo. Isso significa que os conceitos pessoais e a linguagem humana desenvolvem as categorias da mente (ou da própria linguagem) nem sempre relacionando os tipos aos universais referentes do mundo real.

Teixeira et al (2020) apresentam dois problemas oriundos da derivação de categorias por técnicas das citadas teorias. Na *National Cancer Institute Thesaurus* (NCIt¹²), a classe “Área Geográfica”, contém sob ela classificados termos como “América do Sul”, “Porta”, “Playground”, “Lar”, “União Europeia”, “Brasil”, “Caixa de correio”, “Igreja”, “Quarto alugado”, “Grupos”, dentre outros. Se considerado, minimamente, que uma “Área Geográfica” é em um “plano horizontal de uma parte da superfície terrestre”, algumas inferências como “a União Europeia é um espaço físico tanto quanto o território de seus países associados”, “Igreja, Porta e Lar são territórios” ou “Maria reside em uma Caixa de Correio” são logicamente incorretas e falsas no mundo real. Já na Classificação Internacional de Doenças (CID), observa-se, dentre outros casos, as dez subcategorias da categoria “A06 Amebíase”. Ao analisá-las constata-se um único tipo de diagnóstico – Shigelose – é declarado inúmeras vezes indicando lesões e locais de manifestação, o que não caracteriza a doença. A CID parece uma terminologia que não encontra justificativa em princípios classificatórios, e só encontra respaldo dentro da própria instituição que a cria e a mantém.

Não é difícil mostrar que a classificação desses casos resulta em erros básicos que podem levar a problemas em sistemas ontológicos capazes de inferência. A Figura 6 apresenta uma hierarquia para “unicórnio é um Animal”.

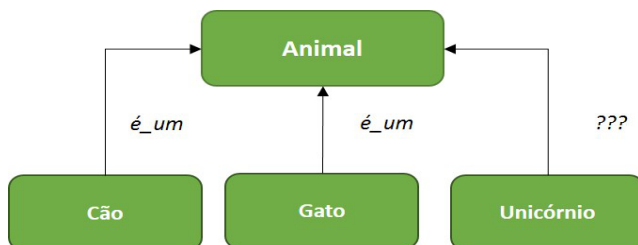


FIGURA 6 – Classificação de animais (setas são relação é-um)

Fonte: Elaborada pelos autores.

A ontologia contém entidades – os *continuentes* (ou *endurantes*) – as quais existem totalmente durante todo tempo de sua existência, persistem através do tempo mantendo identidade, ainda que suas propriedades (qualidades) possam sofrer modificações qualitativas ou quantitativas ao longo do tempo. Exemplos são: um coração, um animal, a cor do tomate, uma orquestra, a disposição da banana em apodrecer e etc. De fato, animais como cães e gatos são entidades chamadas nas ontologias de *continuentes independentes*: entidades portadoras de qualidades, das quais outra entidade pode depender ou ser inerente a (a cor vermelha é inerente ao tomate), e que não podem depender de mais nada. Em suma, são entidades que independem da mente humana para existir.

12 Disponível em: <<https://ncit.nci.nih.gov/ncitbrowser/>>. Acesso em: 29 set. 2020.

Por outro lado, os unicórnios são entidades nunca vistas e das quais a ciência nada tem a dizer. Dinossauros também são entidades nunca vistas, mas, ao contrário dos unicórnios, a ciência comprova sua existência. O que ocorre é que unicórnios existem apenas na mente das pessoas, e portanto não são *continuanes independentes*: são, de fato, *continuanes dependentes*. Um *continuanente dependente* é uma entidade que mantém dependência de outras entidades, por exemplo: o peso do José não existe sem José; a brancura do queijo depende do queijo; o pensamento de Einstein depende da existência de Einstein.

Da mesma forma, unicórnios dependem da mente de alguém que os imagina e, portanto, não são objetos nem animais, são “propriedades”. Nas ontologias de orientação aristotélica, as propriedades são chamadas *qualidades*. A condição dos unicórnios de qualidades, inviabiliza a classificação da Figura 6. O caso do “*coelho da Páscoa é um coelho*” segue um raciocínio similar ao do unicórnio, assim como o duende ou o papai Noel. O exemplo apenas mostra outra entidade fictícia que pode carecer de classificação, sem que esteja embutida em um assunto ou conteúdo de um livro.

O caso da *Cirurgia Cancelada é um Cirurgia* é um pouco diferente, mas ilustra um erro de classificação em que não há preocupação em definir adequadamente a entidade antes localizá-la no sistema de classificação.

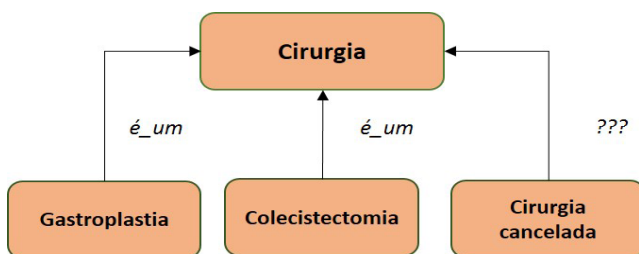


FIGURA 7 – Classificação de cirurgias (setas são relação é-um)

Fonte: Elaborada pelos autores.

Em ontologia, existem entidades que “ocorrem” no tempo, e são, portanto, denominadas *ocorrentes*. Ocorrentes se desdobram ao longo do tempo e os exemplos prototípicos dessas entidades são os processos: o processo de respiração, o processo de matrícula, etc. Uma cirurgia é um processo e, além de se desenrolar ao longo do tempo, exibe uma característica ontológica básica dos processos: requer a existência de um *continuanente independente* que participe do processo. De fato, não existe processo de matrícula sem o aluno; não existe digestão sem a comida e não existe cirurgia sem paciente. Como uma cirurgia cancelada não possui paciente, ela não é processo e, portanto, uma cirurgia cancelada não é uma cirurgia. A cirurgia cancelada é, na verdade, um “plano”.

Planos, em ontologias, são *entidades de conteúdo informacional*, as quais dependem genericamente de outras entidades, além de manter relações de *aboutness*. Da mesma forma, essa explicação inviabiliza a classificação apresentada na Figura 7.

O caso “*diretor é-um pessoa*” é um equívoco comum cometido na modelagem de sistemas de informação e bancos de dados, no âmbito do que se denomina “solipsismo de sistemas”. Tal equívoco é fruto da modelagem intuitiva de sistemas em detrimento de uma análise fundamentada, que vise, por exemplo, facilitar a interoperabilidade semântica, ao possibilitar que a representação seja formal e concernente a realidade. Paralelamente a este tipo de equívoco, encontram-se outros, como os denominados “Problema da Torre de Babel”, “Problema da idiossincrasia humana” e “problemas de entrada e saída em sistemas” (ALMEIDA, 2020b).

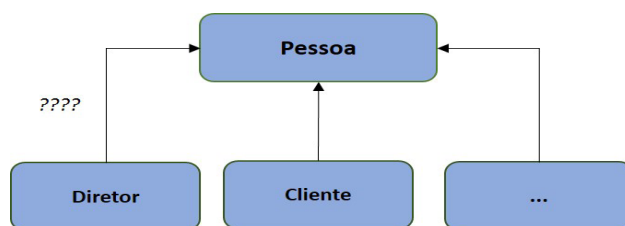


FIGURA 8 – Classificação de pessoas (setas são relação é-um)

Fonte: Elaborada pelos autores.

De fato a classificação da Figura 8 exhibe um erro comum: um diretor não é uma pessoa, um diretor é um *papel* que uma pessoa assume durante um período. Papéis são definidos em ontologias como *continuentes dependentes*, os quais não são essenciais para a identidade do continuante.

A consequência desse tipo de erro para sistemas baseados em ontologias é que podem-se obter inferências automáticas sem sentido. Considere-se, como exemplo, o papel de ser diretor, que é um papel; e considere-se também o papel de um coração artificial em bombear sangue, o qual também é considerada aqui um papel (mesmo sendo de fato uma função). Sendo esses dois tipos de papéis considerados e, na existência de uma classificação como a da Figura 8, um motor de inferência poderia hipoteticamente gerar uma declaração em que o papel de bombear sangue é papel de uma pessoa. Isso certamente não faz sentido.

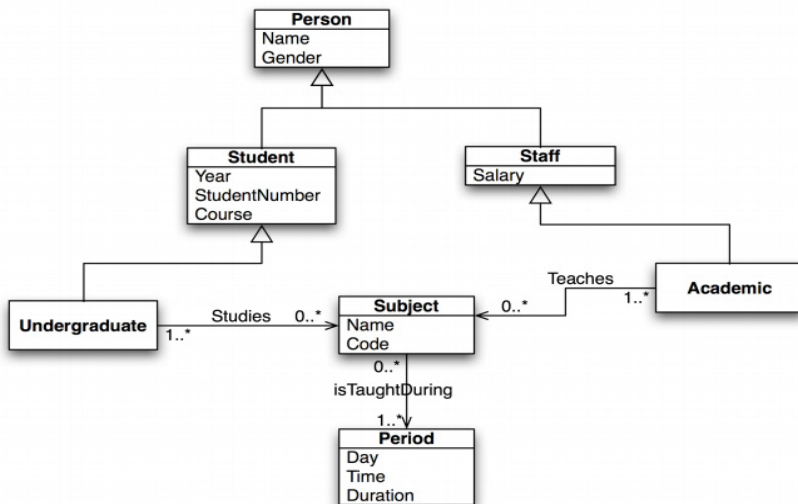


FIGURA 9 – Modelagem de papéis como relações hierárquicas em UML.

Fonte: Adaptado de McMorran (2007).

Outro exemplo de equívoco em modelagem, pode ser observado até mesmo em padrões de interoperabilidade conhecidos, como o *Common Information Model* (CIM), utilizado no setor de energia, e que possibilita a modelagem de objetos e suas relações, para o escopo da distribuição, transmissão e geração de energia elétrica (USLAR et al., 2012). O padrão utiliza a Linguagem de Modelagem Unificada - UML, considerada linguagem semi-formal, em função das ambiguidades existentes entre seus diferentes tipos de diagramas (OLIVEIRA, 2009). A Figura 9 também apresenta o mesmo equívoco de modelagem da Figura 8. Estudante (*Student*) e Funcionário (*Staff*) são papéis desempenhados por pessoas e não tipos de pessoas distintas.

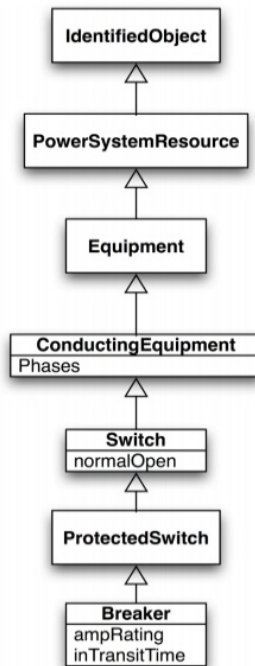


FIGURA 10 –Modelagem de propriedades como relações hierárquicas em UML.

Fonte: Adaptado de McMorran (2007).

Ainda no mesmo modelo, outro equívoco pode ser observado, conforme representado na Figura 10. Na generalização “*ProtectedSwitch*”, da classe “*Switch*”, a propriedade “*Protected*” é utilizada para criação de uma nova sub-classe. Sob o viés ontológico, a criação de sub-classes (ou tipos) só se justifica em função de se identificar uma propriedade essencial que estabeleça identidades distintas entre as entidades. Além disso, condições necessárias e suficientes devem concluir a distinção entre os tipos. Se a generalização estivesse correta não seria possível afirmar que um “*ProtectedSwitch*” continuaria sendo um “*ConductingEquipment*”.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se pretendeu mostrar ao longo desse ensaio-provocação é a necessidade de entender a origem das entidades sob classificação para classificá-las, independentemente do tipo de sistema de organização do conhecimento. A teoria da Ontologia Aplicada pode ajudar em muito nesse aspecto. Ontologias têm sido consideradas o próximo nível para a interoperabilidade semântica entre sistemas de informação, o que reforça a importância de seu estudo para que os profissionais da BCI possam se beneficiar de uma oportunidade singular de ampliação de seu campo de práticas. Foram apresentados exemplos simples,

dentre diversos outros possíveis, que exemplificam essa necessidade.

Ainda, cabe destacar que não apenas por se usar um editor de ontologias para construir um sistema de organização de conhecimento, se tem alguma garantia de que tal sistema seja de fato uma ontologia. Assim como carros, pessoas, árvores e etc., todas entidades do mundo têm características que as determinam como tal, também as ontologias têm características que precisam estar presentes para que a estrutura seja de fato uma ontologia. É também comum ouvir que inferências não são necessárias, mas parece contraditório se dispender tanto esforço na construção de ontologias e desprezar sua principal utilidade.

Muitos dos enganos cometidos, como os exemplos apresentados, se devem ao desconhecimento ou falta de crença na necessidade de uso de regras de classificação formais. Fica a consideração de que, se as regras de classificação não precisam ser seguidas, então o resultado pode não ser considerado um sistema de classificação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. B. Revisiting ontologies: a necessary clarification. **Journal of the American Society of Information Science and Technology**, v. 64, n. 8, p. 1682-93, 2013.

_____. **BFO 2: tradução**. [s.d]. Disponível em: <<http://mba.eci.ufmg.br/wp-content/uploads/Copy-of-bfo2traduzida.jp>>. Acesso em: 28 set. 2020a.

_____. **Ontologia em Ciência da Informação: Teoria e Método**. Coleção Representação do Conhecimento em Ciência da Informação, VOLUME 01. Curitiba: CRV, 2020b.

ALMEIDA, M. B.; MENDONÇA, F. M.; AGANETTE, E. C. Interfaces entre ontologias e conceitos seminais da Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ANCI, 2013.

BROCHHAUSEN, M. et al. Developing a semantically rich ontology for the biobank administration domain. **Journal of Biomedical Semantics**, v. 4, n. 23. 2013.

BROCHAUSSEN, M.B.; ALMEIDA, M.B.; SLAUGHTER, L. (2013). Towards a formal representation of document acts and the resulting legal entities. In: Ingthorsson, R.D., Svennerlind, C., and Almäng J. (Ed.). **Johanssonian Investigations**. Ontos: Frankfurt, 120-139, 2013. ISBN 978-3-86838-190-0.

CABRÉ, M. T. *La terminología: teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Antártida, 1993.

DAHLBERG, I. Teoria do conceito. **Ciência da Informação**, v. 7, n. 2, 1978.

GRENON, P.; SMITH, B. **SNAP and SPAN**. 2004. Disponível em: <http://ontology.buffalo.edu/smith/articles/SNAP_SPAN.pdf>. Acesso em: 29 de set. de 2020.

GRUNINGER, M. et al. Ontology summit 2007 - ontology, taxonomy, folksonomy: Understanding the distinctions. **Applied Ontology**, 2008.

IAO: Information Artifact Ontology. 2020. Disponível em:< <https://github.com/information-artifact-ontology/IAO/>>. Acesso em: 29 de set. 2020.

JOHANSSON, I. **Ontological investigations**. Frankfurt: Ontos Verlag, 2004.

MCMORRAN, A. W.. **An introduction to IEC 61970-301 & 61968-11: The Common Information Model**. University of Strathclyde. Glasgow, UK, 2007.

MCMORRAN, A. W.. **An introduction to IEC 61970-301 & 61968-11: The Common Information Model**. University of Strathclyde. Glasgow, UK, 2007.

MENDONÇA, F.M.; ALMEIDA, M.B. (2013) Hemocomponents and Hemoderivatives Ontology (HEMONTO): an ontology about blood components. Proceedings of 6o Ontobras. Set. 2013 – Belo Horizonte, BR.

National Center for Biotechnology Information - NCBI. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/>>. Acesso em 29 set. 2020.

OLIVEIRA, V. N. P. de. **Uma investigação sobre a avaliação de modelagem conceitual baseada em ontologias**: estudo de caso de modelos para sistemas de informação desenvolvidos na Universidade Federal de Minas Gerais. Dissertação (Mestrado). Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais. 2009.

SCHEMA.ORG. Disponível em< Schema.org>. Acesso em: 29 set 2020.

SMITH, B., ASHBURNER, M., ROSSE, C., BARD, J., BUG, W., CEUSTERS, W., GOLDBERG, L. J., EIL-BECK, K., IRELAND, A., MUNGAL, C. J., LEONTIS, N., ROCCA-SERRA, P., RUTTENBERG, A., SANSONE, S., SCHEUERMANN, R.H., SHAH, N., WHETZEL, P. L., LEWIS, S. The OBO Foundry: coordi-nated evolution of ontologies to support biomedical data integration. **Nature biotechnology**, v. 25, n. 11, p. 1251, 2007.

TEIXEIRA, L. M. D.; EMYGDIO, J. L.; ALMEIDA, M. B.; SILVA, C. M.; MODESTO, M. L. **Organização do conhecimento baseada em ontologias: um estudo de caso sobre os desafios da conceitualização do domínio da energia elétrica**. No prelo, 2020.

USLAR, M.; et al. **The Common Information Model CIM: IEC 61968/61970 and 62325 - A practical introduction to the CIM (Power Systems)**. Berlin: Springer-Verlag, 2012.

WALLACE, E.; KIRITSIS, D.; SMITH, B.; WILL, C. **The Industrial Ontologies Foundry Proof-of-Concept Project**. p. 10, 2018.

WÜSTER, E. *Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1998.

CAPÍTULO 5

INFORMAÇÃO PELA TV DIGITAL PÚBLICA INTERATIVA: O PROJETO BRASIL 4D NO DISTRITO FEDERAL

Data de aceite: 04/01/2021

Cristiana Freitas Gonçalves de Araujo

Doutoranda em Media Digital na Universidade
Nova de Lisboa
Portugal

RESUMO: Neste artigo detalhamos o processo de construção da informação pública para a TV digital interativa do projeto Brasil 4D-Etapa DF, que ofereceu serviços públicos interativos pela TV digital gratuita para um extrato da população de baixa renda de Samambaia, no Distrito Federal, Brasil. Analisamos a seleção, identificação, representação e mediação da informação no ambiente convergente e interativo da TV digital pública interativa (TVDPi), avaliamos a usabilidade a partir da busca de trabalho pelo público alvo na interface do sistema, e apresentamos uma perspectiva para a oferta de informação pública pela TVDi.

PALAVRAS-CHAVE: Informação Pública, Inclusão Digital, Usabilidade, TV Digital Interativa (TVDi).

INFORMATION THROUGH THE PUBLIC DIGITAL INTERACTIVE TELEVISION: THE BRASIL 4D PROJECT IN THE FEDERAL DISTRICT

KEYWORDS: Digital television, Public communication, inclusion.

INFORMAÇÃO POR MEIO DA TV DIGITAL INTERATIVA

A Ciência da Informação (CI) é um dos campos do conhecimento que compõem a base transdisciplinar¹ (MORIN, 1994) da comunicação em mídias digitais. Tendo como objeto “o estudo das propriedades da informação e análise de seus processos de construção, comunicação e uso” (LE COADIC, 2004), com o objetivo de atingir acessibilidade e uso eficaz, recorre não somente ao dado como também “considera o meio pelo qual a informação será transmitida e acessada pelo usuário” (CAPURRO, 1978).

A comunicação da informação por meio da TV Digital interativa (TVDi) demanda a articulação do conhecimento advindo de quatro áreas essenciais: conteúdo e respectivo tratamento audiovisual, software e design interativo, mediação e gestão da informação. Um depende do outro para que a mensagem seja acessível e a comunicação bidirecional eficaz (CASTRO, 2011).

Entretanto, a informação a ser comunicada sofre interferência do meio quando transmitida por computadores, celulares ou pela TV digital, devendo adaptar-se às características tecnológicas, estéticas e de linguagem próprias de cada mídia (SCOLARI, 2009). Para

¹ Transdisciplinaridade, entendida como um novo olhar que as atravessa e as ultrapassa as disciplinas, numa abordagem integradora da natureza e da realidade, conforme a Carta da Transdisciplinaridade, assinada por Lima de Freitas, Edgar Morin e Basarab Nicolescu durante o 1º Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, realizado no Convento da Arábia, Portugal, 1994. Acessado em 5.11.2016, disponível em: <http://cettrans.com.br/wp-content/uploads/2014/09/carta-da-transdisciplinaridade1.pdf>

atender às necessidades informacionais do cidadão, além das características do sistema computacional e do software pelo qual os dados serão transmitidos e acessados, também o contexto de uso e a experiência das audiências² devem ser considerados. Para assegurar o acesso e facilitar a busca e uso da informação em mídias digitais é preciso atender metas de usabilidade, como as propostas por Preece, Rogers e Sharp (2005) e sintetizadas por Oliveira (2009):

“Um software pode ser classificado como sendo de boa usabilidade quando os seus usuários aprendem a utilizá-lo com facilidade (*learnability*), quando se lembram facilmente de tarefas anteriormente já realizadas (*memorability*), ou quando conseguem associar padrões entre as diversas telas de um mesmo sistema, através da ordem de disposição dos itens, rapidez no desenvolvimento de tarefas, (...) que eleve a produtividade e eficiência do usuário”. (André Luis Belini OLIVEIRA, 2009, p. 38)

Além dos atributos de eficiência, qualidade da tarefa e satisfação de usuário, a usabilidade de um sistema deve, conforme Dias (2006), considerar também aspectos afetivos, sociais e físicos, em contextos específicos de situações de uso, numa “interface intuitiva, prazerosa, permitindo a auto-aprendizagem”. (DIAS, 2006, p. 4, in CUNHA e BAPTISTA, 2007).

Partindo dessas categorias de análise, também na TV digital interativa a busca informacional está relacionada a uma necessidade pessoal das audiências, e sua usabilidade está “diretamente associada ao seu contexto operacional e aos diferentes tipos de usuários, tarefas, ambientes físicos e organizacionais” (DIAS, 2003, p. 29). De modo que analisar a usabilidade na TVDPi implica pensar nas necessidades e satisfação do público alvo, em interfaces centradas no cidadão, e que, tal como nas demais mídias digitais, ofereçam orientações claras das tarefas a serem realizadas, mensagens de erro, atalhos, e *feed backs*. Pois é por meio da representação da informação na interface interativa que o usuário³, interage com o sistema e com seus conteúdos.

Ainda que muitas pessoas apresentem dificuldade para localizar e usar uma informação em mídia digital, o letramento informacional (GASQUE, 2010) é uma ferramenta de empoderamento do cidadão, posto que desenvolve habilidades e competências, agrega conhecimento e os capacita para o exercício pleno da cidadania.

Exemplo desse empoderamento foi o trabalho realizado pela Empresa Brasil de Comunicação (EBC) para aproximar a informação pública do cidadão de baixa renda. O projeto piloto Brasil 4D, realizado na Paraíba⁴, ofereceu informações de serviços públicos, por meio de conteúdos audiovisuais e dados pela TVDi aberta e gratuita.

2 Cabe salientar aqui uma questão semântica referente ao conceito de usuário adotado pela CI, e a percepção mais ampla utilizada neste estudo de comunicação da informação, que compreende o usuário da TVDi com os atributos da audiência, do telespectador, somados à cultura de interação em dispositivos digitais interativas.

3 Entendido como “indivíduo que necessita de informação para o desenvolvimento de suas atividades” (SANZ CASA-DO, 1994, p. 19)

4 O projeto piloto ofereceu informações de serviços públicos a 100 famílias de baixa renda da periferia de João Pessoa, entre dezembro de 2012 e julho de 2013.

Pesquisa do Banco Mundial⁵ (2013) sobre o Projeto Piloto Brasil 4D apontou para a possibilidade de alfabetização informacional também por meio da televisão pública aberta e interativa, acessível às diferentes camadas da população.

A ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO PÚBLICA NO BRASIL 4D – ETAPA DF

O projeto Brasil 4D – Etapa DF⁶ incorporou diversos avanços ao projeto piloto da Paraíba, como a adoção de uma interface interativa padrão e atualização diária dos conteúdos de dados e vídeos pelo ar. Ele foi motivado pela demanda de um órgão público, o governo do Distrito Federal (GDF), para levar a informação aos cidadãos de forma acessível e uso fácil, preservando a integridade, legalidade e transparência das políticas públicas. Por outro lado, teve como objetivo incrementar a comunicação entre o governo e a população do DF utilizando a TV Digital Pública Interativa (TVDPi), tornando mais acessível a informação das políticas públicas criadas para a população de baixa renda; e por ela muitas vezes desconhecida.

A metodologia para implantação do projeto Brasil 4D no DF foi antecedida por uma série de reuniões entre representantes do GDF e a Coordenação Geral do projeto, representada pela EBC, que mobilizou uma série de empresas e instituições públicas e privadas⁷ para colaborar com o desenvolvimento tecnológico do que viria a ser a prova de conceito do projeto Brasil 4D.

A partir da definição dos objetivos do projeto, o GDF - detentor da informação e gestão das políticas públicas locais -, criou um Grupo Executivo multidisciplinar formado por representantes de cada Secretaria gestora dos a serem oferecidas à população pela TVDPi. Coube a este Grupo a identificação, seleção e tratamento prévio das informações e serviços públicos distritais a serem comunicados, integrados às políticas públicas Federais às quais se relacionavam.

Em seguida, representantes deste Grupo se juntaram à equipe de coordenação de produção da EBC, formada por coordenadores de conteúdo, roteiristas, consultores e produtores da EBC, desenvolvedores e designers⁸ para organizar, formatar e disponibilizar os serviços selecionados em conteúdos audiovisuais, aplicativos e interfaces interativas. Essas reuniões serviram para balizar o conhecimento dos atores envolvidos quanto às possibilidades de tratamento da informação e comunicação em linguagens e formatos para a TVDPi, como também para mapear as condições objetivas para oferta dos serviços

5 “Brasil 4D - Estudo do Impacto Socioeconomico da TV Digital Pública Interativa. Banco Mundial.2013

6 Desenvolvido a partir de novembro de 2012, foi executado entre fevereiro e julho de 2013 em Samambaia, DF.

7 Os Ministérios do Trabalho, Saúde e o da Previdência Social, a Secretaria Nacional dos Direitos das Mulheres, a Casa Civil do GDF e as Secretarias de Trabalho, Saúde, Assistência Social, Direito da Mulher, o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal, os laboratórios Telemídia, da PUC-Rio, e INCOD, da Universidade Federal de Santa Catarina, a Fábrica Social, NOVACAP, CEB, as entidades civis ONG Ruas, de Samambaia e de Ceilândia, e a Casa da D. Marieta, as empresas TOTVS Software, EITV, Oi, EBCom, Broadcom, e Caravela Produções.

8 Desenvolvedores da TOTVS Software, e programadores e designers da TOTVS e do Instituto Nacional de Convergência Digital (INCoD-UFSC).

públicos interativos (infraestrutura de rede web e sinal da TV Brasil, limite de capacidade de armazenamento e processamento de vídeos, capacidade operacional e de integração dos órgãos públicos nas regiões beneficiadas para a oferta, atualização e suporte, de suporte, monitoramento da audiência e gerenciamento diário dos conteúdos interativos).

Constatou-se junto aos órgãos envolvidos que a busca por um serviço público era motivada pela necessidade de uma informação ou solução de uma demanda específica. Assim, o cidadão costuma ir ao Posto do Trabalhador a procura de toda e qualquer informação relativa a trabalho e emprego, desde solicitar a carteira de trabalho, emprego, aposentadoria, crédito para pequeno empreendedor, a cursos de capacitação. O cidadão quer a informação de forma rápida e efetiva, independentemente dos serviços serem geridos por esta ou aquela Secretaria.

De modo que a organização da informação no projeto Brasil 4D foi pensada para facilitar sua localização e acesso, à despeito do órgão público ao qual estava subordinada, considerando o comportamento de um cidadão de baixa renda para buscar uma informação ou serviço público, seja a partir de sua necessidade, experiência prévia, ou fatores como hábito, educação e cultura.

Por outro lado, a arquitetura de informação do aplicativo deveria prever a incorporação progressiva de novas informações e serviços, inclusive de outros órgãos públicos, como também a atualização permanente de dados e periódica de vídeos, de forma ágil e com mínimo suporte técnico-operacional. Para tanto, seria recomendável estabelecer alguns padrões de estruturas na App, tanto do roteiro de navegação como da interface interativa, de modo a que uma mesma programação de dados e design da informação de um módulo pudesse servir para todos os demais. Essas recomendações visavam otimizar o modo de produção dos conteúdos digitais interativos e conferir unidade à identidade visual do projeto Brasil 4D, facilitando o acesso e uso da população de baixa renda na busca de informação dentro da nova plataforma.

A partir destas definições foi possível desenhar a arquitetura da informação a ser transmitida na forma de conteúdos audiovisuais e aplicativos de serviços públicos interativos do projeto Brasil 4D – Etapa DF. Sua estrutura hierarquizada deveria propiciar uma navegação cruzada,⁹ interligando as áreas temáticas dentro da App, em constante diálogo entre o conteúdo ficcional apresentado e os programas públicos a serem divulgados, proporcionando autonomia de caminho de busca das audiências, com *breadcrumb*¹⁰ indicando permanentemente sua localização na aplicação.

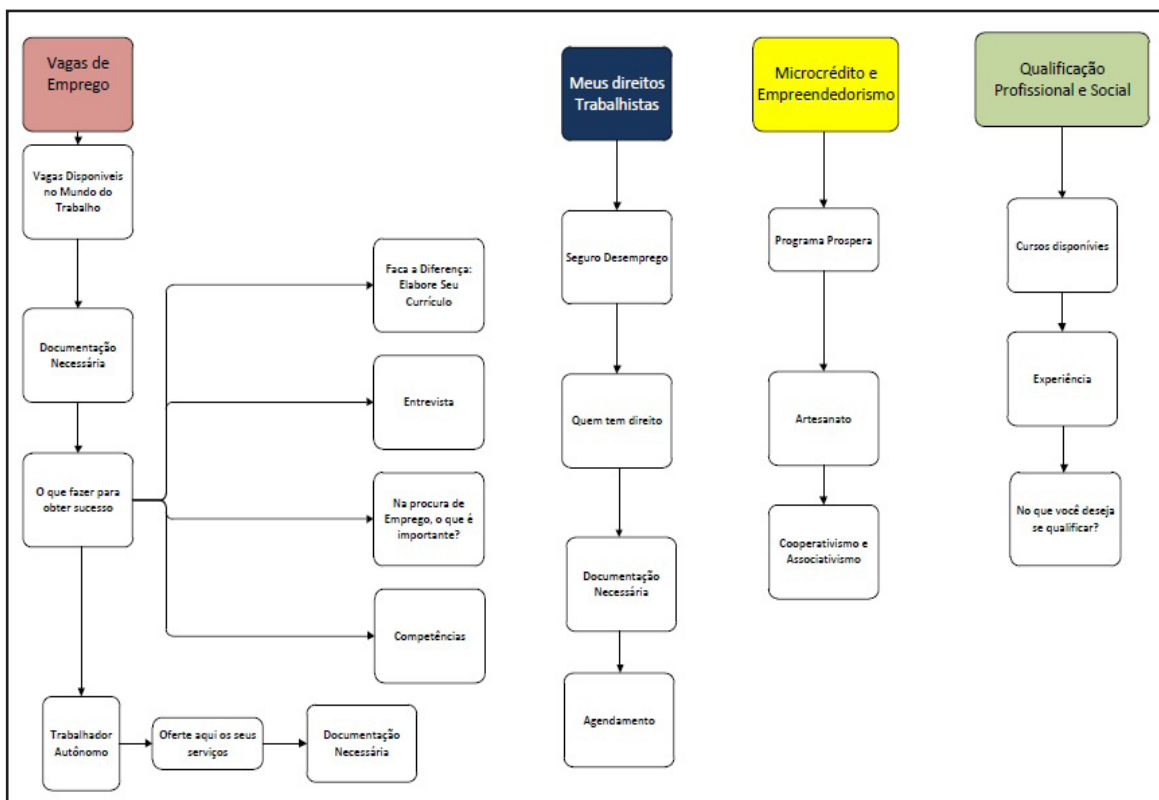
De modo a oferecer sempre novas informações e serviços às audiências ao longo dos seis meses de transmissão do Brasil 4D no DF previstos inicialmente, a aplicação foi

⁹ Segundo Kalbach (2009), navegação contextual, relacional ou cruzada é uma navegação situacional que permite à audiência navegar por um conjunto de referências cruzadas que ligam uma página, ou módulo do mesmo nível, com outra de tema relacionado, ou acesso a um novo sistema. Ela pode ser embutida na própria informação, como uma palavra com link, ou relacionada, como um link em uma área específica, separada do conteúdo para assuntos semelhantes.

¹⁰ Breadcrumb, ou trilha de navegação, é uma estrutura utilizada em interfaces web, representada por uma linha no topo de cada página indicando a localização do usuário na hierarquia do sítio web.

empreendedorismo, à comunicação social, informática e atendimento ao público, identificaram as principais informações e serviços que viriam a compor o módulo de Trabalho;

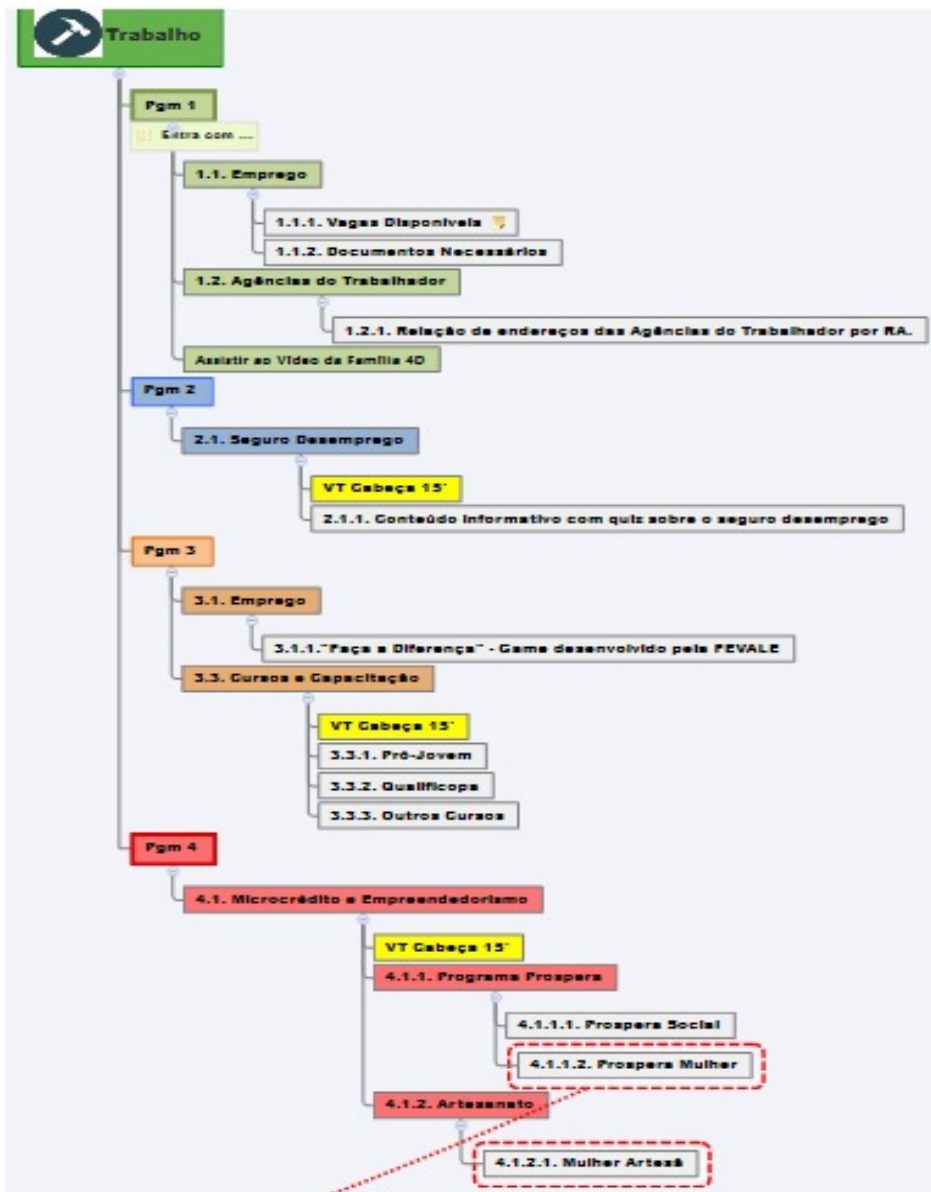
- II. Posteriormente, essas informações foram classificadas e organizadas pelos gestores, formando o primeiro fluxograma da informação de Trabalho, com oferta dos serviços mais procurados, como Vagas de Emprego, Qualificação Profissional, Microcrédito e Empreendedorismo:



Quadro 3 – Fluxograma de serviços elaborado pela Secretaria do Trabalho

Essa proposta foi debatida com a equipe transdisciplinar do projeto, considerando a produção audiovisual interativa, infraestrutura de transmissão, recepção e gestão da informação, e o desenvolvimento gradual dos serviços prioritários de Trabalho integrados ao conjunto de serviços do GDF para a TVDPi.

Ao final desse processo, a equipe transdisciplinar chegou à seguinte estrutura de conteúdos interativos e fluxo da informação para o módulo de Trabalho:



Quadro 4- Arquitetura de Informação da App de Trabalho

Analisaram-se então os recursos informacionais disponíveis para transmissão e recepção da informação, e as possibilidades de tratamento dos conteúdos na interface da TV digital, por meio da geração de alternativas de roteiros de navegação (*wireframe*) e leiautes da interface interativa:

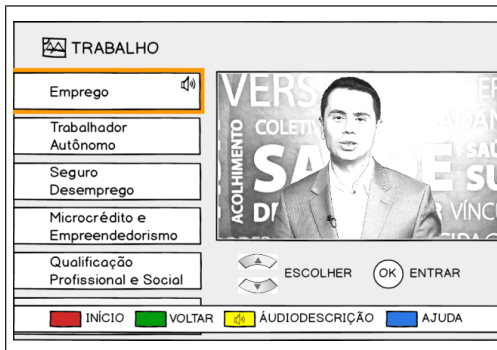


Fig. 5 – Menu Trabalho na interface

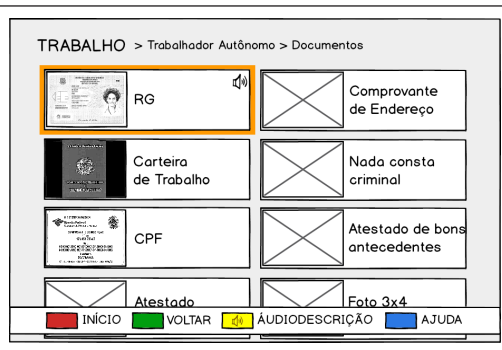


Fig. 6 – Tela sobre documentos para o Trabalho

A partir desse momento o tratamento da informação ganhou forma, conforme as características estéticas, narrativas e tecnológicas da TVDPi. Todavia, como na TVDi a informação é limitada por suas características e recursos ainda em desenvolvimento, foi necessário adaptar as linguagens ao software, tanto no que diz respeito à capacidade de armazenamento e processamento de dados do conversor digital, como ao espaço limitado para informações textuais na interface.

- I. A informação de trabalho sintetizada pelos gestores e formatada em conjunto ao longo do processo foi editada e adaptada para a linguagem televisiva por redatores e produtores de conteúdos audiovisuais interativos. Em estreita sintonia com designers e desenvolvedores, o conteúdo foi ajustado à forma para interação na TVDPi¹¹, a partir da estrutura definida para a interface de navegação no Brasil 4D-DF, e suas características para o design de informação e interação, como área de textos¹², vídeos e imagens, quantidade de caracteres e cliques necessários no controle remoto para realizar uma tarefa¹³, hierarquia da informação e a interação entre os módulos
- II. Aprovadas as versões finais da informação no formato de roteiro para vídeo (dramaturgia e tutoriais), aplicativo interativo, textos informativos e locuções correspondentes, teve início a produção dos conteúdos nos formatos de aplicações e interfaces interativas, vídeos e áudios.

Como resultado, ao procurar uma vaga de emprego, por exemplo, o cidadão deveria sintonizar o canal da TV Brasil e, quando a logomarca do Brasil 4D estivesse destacada, apertar o botão OK do cursor do controle remoto¹⁴ para entrar na App e

11 Vale destacar que a construção da programação e do design da interface interativa dependia da definição dos serviços a serem oferecidos e sua estrutura de interação. À medida que estas definições ocorriam, programação e design se configuravam, leiautes e *wireframes* eram desenvolvidos. Assim, a oferta de emprego, por exemplo, teve sua estrutura definida a partir do comportamento de busca dos serviços pelo cidadão, o modo como a informação era organizada e oferecida pela Secretaria de Trabalho em seu Portal na internet e na Agência do Trabalhador, e sua usabilidade na TVDPi.

12 A maior massa de texto na malha gráfica foi limitada a 46 caracteres.

13 Até cinco opções de sub menu no menu principal, à esquerda da interface interativa.

14 O controle remoto foi adotado para navegação em todo sistema e nos distintos módulos, usando o cursor central com as setas para cima, para baixo, esquerda ou direita para acessar os conteúdos.

realizar as seguintes tarefas:

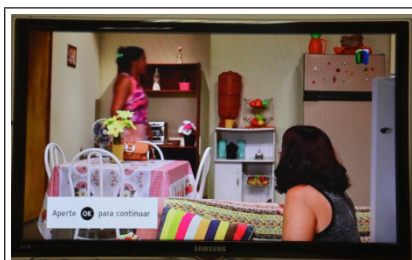


Fig. 10 – Vídeo de apresentação da família 4D informa os serviços e motiva para uso do sistema. Caso a audiência nada faça, após 5 segundos surge áudio e legenda “Aperte OK para continuar”.



Fig. 11 – Vídeo tutorial apresenta as informações e serviços disponíveis, e orienta a navegação nos módulos da App: Assistência Social, Mulher, Saúde, Trabalho e Banco do Brasil.

Fig. ----Interfaces do vídeo de apresentação da Família 4D e do tutorial de abertura do Brasil 4D – Etapa DF

A Fig. 11 acima apresenta a interface principal do Brasil 4D – Etapa DF com menu para todos os serviços e informações públicas interativos oferecidos. Para entrar na opção de Trabalho, era necessário clicar duas vezes o cursor para baixo e apertar o botão OK para iniciar a busca por uma vaga de emprego.



Fig. 12 - Ao entrar no módulo Trabalho surge vinheta e episódio da família 4D sobre busca de emprego¹⁵. À esquerda, menu com os serviços disponíveis: Vagas de emprego, Documentos necessários, Endereços das agências e Assistir (rever) o vídeo. Para procurar emprego, o público deve selecionar Vagas Disponíveis no Menu e apertar o botão OK.

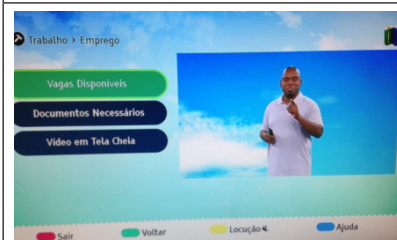


Fig. 13 – Vídeo tutorial orienta como usar o controle remoto para encontrar vaga de emprego. À esquerda, menu com atalho para ir direto nas Vagas Disponíveis.

Fig. === Tarefas necessárias para buscar Vaga de Emprego na App de Trabalho

15 O vídeo pode ser "pulado" ou interrompido a qualquer momento.

Considerando o limite de textos e imagens na interface interativa, os campos de busca de emprego foram restringidos a três filtros: escolaridade, tipo de trabalho (serviços, comércio, construção civil, etc), e sexo (Fig. 14). A partir dessa pré-seleção, o cidadão era levado à outra tela, onde finalizava sua busca (Fig. 16) escolhendo o tipo de emprego desejado (Fig. 15).



Fig. 14 – Entra tela com os 3 campos de busca. Para navegar, usar as setas para a direita ou esquerda. Após seleção, apertar a seta para baixo para ir para o próximo filtro. Ao final, apertar o botão OK para fazer a busca de emprego de acordo a seleção determinada.

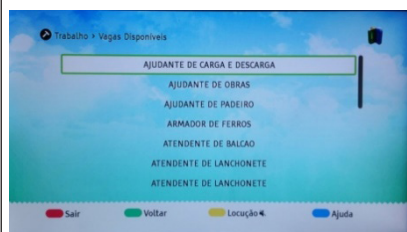


Fig. 15 - Uma série de ofertas de emprego do dia aparecem para o cidadão escolher, usando as setas para baixo ou para cima e apertando o botão OK.

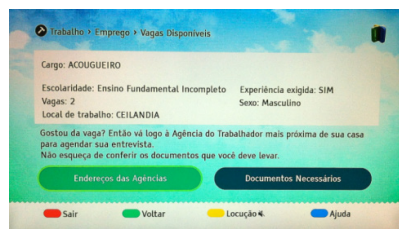


Fig. 16 - Tela com informações sobre a vaga de emprego escolhida: requisitos para o emprego, local de trabalho, número de vagas disponíveis. Para buscar outra vaga, apertar o botão verde e voltar para a tela anterior. Para alterar os critérios de busca, apertar o botão verde e redefinir os campos de busca.

Tarefas necessárias para filtrar a busca de emprego na App de Trabalho do Brasil 4D – Etapa DF

A qualquer momento durante a exibição dos vídeos ou da navegação pela App o cidadão poderia acessar atalhos, apertar o botão OK e seguir direto para a informação desejada. O *breadcrumb* no campo superior esquerdo da interface interativa acompanhava e informava a localização das audiências ao longo de todo o percurso. Na base da tela permanecia orientação para atalho na navegação por meio dos botões coloridos do controle remoto¹⁶, acessíveis a qualquer momento.

Ainda que a informação tenha sido depurada ao máximo, os caminhos de busca reduzidos ao mínimo de telas e cliques, e a interface oferecesse atalhos, era necessário passar por cinco telas e apertar o botão OK do controle remoto oito vezes para chegar até a informação final sobre Vaga de Emprego.

¹⁶ Vermelho para voltar ao início da App ou do Portal, verde para regressar à página imediatamente anterior, amarelo para acionar a locução e o azul para ajuda e orientações.

No entanto, além de ajudar a memorização, a padronização clara e visível da interface interativa e sua relação com o sistema facilitou o reconhecimento das funções e proporcionou alguma flexibilidade e eficiência de uso, tornando a navegação intuitiva após algum tempo de interação e proporcionando maior usabilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados revelou diferenças essenciais no que tange ao tratamento da informação pública para mídias digitais e para a TV digital interativa. Sobretudo, quanto à necessidade de reduzir significativamente o tamanho dos vídeos, imagens e dados textuais.

A experiência do Brasil 4D - Etapa DF evidenciou aspectos próprios da linguagem para TVDi, e apontou algumas recomendações para aprimoramento da comunicação da informação pública pela TVDPi. Dentre essas, destacamos:

- Comunicar o núcleo da informação de forma objetiva, clara e em linguagem acessível. A mensagem na TVDi expressa um *teaser*, uma chamada, que pode vir a ser aprofundada ao longo da navegação;
- Manter a identidade estética e a consistência da interface interativa ao longo de toda a App, de modo a localizar e orientar as audiências permanentemente;
- Uso pontual de links e limitado de telas para encontrar a informação final;
- Uso pontual de vídeos, com narrativas curtas (15 ao máximo de 30 segundos);
- Oferecer atalhos ao longo de toda a App, tanto dentro como entre os módulos, para o menu inicial da App e programação do canal transmissor;
- Oferecer *feed back* ao longo de toda App¹⁷;
- Proporcionar navegação cruzada sempre que o conteúdo e o comportamento das audiências demandarem;
- Tratamento dos bancos de dados utilizados para armazenamento e processamento das informações públicas deve prever a maior convergência possível com outras mídias, o que significa certa padronização nos campos de busca, número de caracteres, dentre outras variáveis;
- Integração dos bancos de dados dos serviços públicos com a emissora geradora, para oferta da informação em tempo real sem necessidade de atualização manual diária de planilha física;
- Atualização permanente de novos conteúdos interativos; ainda que esta decorra de um simples rearranjo na programação dos objetos de mídia, poderia se

17 No Brasil 4D - Etapa DF, o feed back ocorria em forma de texto e áudio, e informações de erro quando a audiência acessava um caminho de busca não previsto ou disponível na programação da App. Os recursos de *feed back* não puderam ser totalmente implementados devido à instabilidade ou ausência de sinal da TV Brasil interativa ou do canal de retorno 3G em algumas regiões e domicílios beneficiados.

apresentar ao público como uma novidade.

- que el software cultural convirtió a los medios en
- meta-medios (un nuevo sistema semiótico y tecnológico que incluye a la mayoría de los
- medios precedentes, su estética, sus técnicas y sus elementos fundamentales). Manovich, *Software takes Command*, pg. 69)

REFERÊNCIAS

BANCO MUNDIAL. Brasil 4D - Estudo do Impacto Socioeconomico da TV Digital Pública Interativa. 2013. Disponível em <http://documents.worldbank.org/curated/en/2013/08/18203867/brazil-4d-study-socioeconomicimpact-digital-tv-interactive-public-brasil-4d-estudo-de-impacto-socioeconômico-sobre-tvdigital-pública-interativa>

BARBOSA FILHO, André. ABF Digital. Disponível em <http://abfdigital.blogspot.com.br/>

BRASIL. Decreto n.º 4901, de 19 de junho de 2003

_____. Decreto n.º 5820, de 19 de junho de 2006. Diário Oficial, Brasília, 30.06. 2006. Seção 1, p. 7.

_____. Portaria 481/2014. MCTI. Disponível em www.comunicacoes.gov.br

_____. Portaria 3493/2016. MCTI. Disponível em www.comunicacoes.gov.br

BRASIL 4D. Projeto para TV digital pública interativa da Empresa Brasil de Comunicação - EBC. Disponível em www.ebc.com.br/brasil4d

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O conceito de informação. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v.12, n.1, p.148-207, abr. 2007. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/54>. Acesso 28.07.2011.

CASTRO, Cosette Espíndola de. Cultura, diversidade, tecnologias: A produção de conteúdos audiovisuais na era tecnológica. In Parte I, GOBBI, MC., and , KERBAUY, MTM., orgs. *Televisão Digital: informação e conhecimento*. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura acadêmica, 2010. 482 p. Acesso em 10.2015. Disponível em <http://books.scielo.org/id/k8s27/pdf/gobbi-9788579831010-06.pdf>

CENTRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM TELECOMUNICAÇÕES – Fundação CPqD - TV interativa - Recomendações de Usabilidade-V1.0, 2012. Disponível em www.cpqd.br

CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO - CETIC.BR. TIC Domicílios e usuários 2015, disponível em <http://cetic.br/usuarios/tic/2013/>

COSTA, Luciana Ferreira da; RAMALHO, Francisca Arruda. A usabilidade nos estudos de uso da informação: em cena, usuários e sistemas interativos de informação. Perspectivas em Ciência da Informação, v. 15, n. 1, p. 92-117, jan./abr. 2010.

GASQUE, K. C. G. D. O arcabouço conceitual do letramento informacional. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 39, n. 3, p. 83-92, set./dez., 2010.

LEMOS, André M. *Comunicação digital: educação, tecnologia e novos comportamentos*. 1. ed. – SP: Paulinas, 2008.

PREECE, Jennifer; ROGERS, Yvonne; SHARP, Helen. *Design de Interação: além da interação humano-computador*. 1. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

SOARES, Luis Fernando Gomes; BARBOSA, Simone Diniz Junqueira. *Programando em NCL: Desenvolvimento de Aplicações para Middleware GINGA, TV Digital e Web*. Rio de Janeiro: Campus, 2009.

SCOLARI, C. A. *Ecología de la Hipertelevisión. Complejidad narrativa, simulación y transmedialidad em la televisión contemporánea*. IN: *TELEVISÃO DIGITAL*. Livro da Compós. - 2009 / Orgs. Sebastião Squirra e Yvana Fachine – Porto Alegre: Sulina, 2009.

CAPÍTULO 6

ANÁLISE SOBRE OS PROCESSOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA GESTÃO DO CONHECIMENTO EM UMA EMPRESA DE MÉDIO PORTE

Data de aceite: 04/01/2021

Michelle Cianci Ostetto Alves

UNESC

Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico
Criciúma, SC

<https://orcid.org/0000-0001-9311-176X>

Tamires Almeida Bressan

Mestranda no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico
Criciúma, SC

<http://lattes.cnpq.br/1292699522028492>

Jaime Dagostim Picolo

UNESC

Professor Permanente do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico
Criciúma, SC

<https://orcid.org/0000-0002-0527-5172>

Melissa Watanabe

UNESC

Professora Permanente do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico
Criciúma, SC

<https://orcid.org/0000-0003-2205-6235>

RESUMO: O artigo busca identificar os processos desenvolvidos pela organização que favoreçam a gestão do conhecimento em uma empresa de médio porte. O objeto da pesquisa foi um estudo de caso único, buscando detalhar o tema em questão, a partir de abordagem qualitativa e

natureza exploratória. Para esse estudo de caso, foram realizadas entrevistas pessoais com três diretores nas instalações da empresa e análise documental. As entrevistas semiestruturadas permitiram observar que a empresa está em processo inicial de gestão do conhecimento, embora não haja processos claros e específicos. Os resultados apontaram que a empresa valoriza o conhecimento informal e científico advindo de alguns profissionais da empresa, mesmo não havendo um programa específico para este fim. O compartilhamento é feito de maneira informal entre as pessoas da organização e sua principal motivação é o altruísmo.

PALAVRAS-CHAVE: Gestão do Conhecimento. Compartilhamento de Conhecimento. Motivações para compartilhamento de conhecimento.

ANALYSIS OF PROCESSES FOR DEVELOPING KNOWLEDGE MANAGEMENT IN A MEDIUM-SIZED COMPANY

ABSTRACT: The article seeks to identify the processes developed by the organization that support knowledge management in a medium-sized company. The object of the research was a single case study, seeking to detail the topic in question, through an exploratory qualitative approach. For this case study, semi-structured personal interviews were conducted with three directors at the company's facilities and document analysis. The interviews showed that the company is in the initial process of knowledge management, although there is no specific methodology. The results showed that

the company values informal and scientific knowledge from some company professionals, even though there is no specific program for this purpose. Sharing is done informally between people in the organization and its main motivation is altruism.

KEYWORDS: Knowledge management. Knowledge Sharing. Motivations for knowledge sharing.

1 | INTRODUÇÃO

A gestão do conhecimento é fator importante para o desenvolvimento da organização e para gerar vantagem competitiva (DAVENPORT; PRUSAK 1998). Nem sempre as formas de compartilhar o conhecimento são estruturadas e claras, podendo interferir e dificultar o processo de gestão do conhecimento (RIEGE, 2005). Considerando que o conhecimento tácito é o mais difícil de se repassar, e se torna intrínseco a pessoa que o detém, erros de processos podem ocorrer por falta do conhecimento explícito da equipe (POLANY, 1958).

O objeto de pesquisa foi um estudo de caso único, buscando detalhar o tema em questão, através de abordagem qualitativa e natureza exploratória. Considerando os diretores como fundamentais para este processo de disseminar a cultura de ensinar e manter os procedimentos de gestão do conhecimento (SENGE, 1997), foi elaborada uma entrevista semiestruturada com eles, a fim de buscar compreender as questões motivacionais, os processos existentes na organização e as práticas para compartilhamento de conhecimento.

2 | FUNDAMENTOS TEÓRICOS

As reflexões sobre o conceito do conhecimento é algo que inquieta a mente humana e causa debates há muito tempo (MATURANA; VARELA, 2003). Platão no século IV já apontava que o conhecimento só seria válido se propiciasse ao povo “a uma vida boa e justa para todos” (KLEIN; LYYITINEM, 1985:145).

Ao longo dos anos, muitos pesquisadores tentaram definir um conceito para conhecimento, como Hessen (1920) que argumentou que o conhecimento é uma relação entre sujeito e objeto. Berger e Luckmann (1960:17) aprofundaram um pouco mais e definiram conhecimento como a certeza de que os fenômenos são reais e possuem “características específicas”.

No final do século XX, a definição de conhecimento apontada por Platão como crença verdadeira e justificada foi utilizada por Nonaka e Takeuchi (1997) como bases para a elaboração da teoria da criação do conhecimento. Estes autores conceituaram conhecimento como um processo humano dinâmico de justificar a crença pessoal com relação à verdade (NONAKA; TAKEUCHI, 2009). Apoiada nestas definições, a teoria da criação do conhecimento baseia-se em duas perspectivas, a epistemológica e a ontológica.

Na perspectiva epistemológica, observa-se a distinção do conhecimento apontada

por Polany (1958) entre os conhecimentos tácitos e explícitos onde o conhecimento tácito seria o “*know-how*”, uma vez que representa o conhecimento processual, ou implícito, localizado nas cabeças dos humanos, como a experiência e conhecimentos; apresentando dificuldades para ser articulado e codificado.

No entanto, o conhecimento tácito tem despertado maior interesse nas organizações e em pesquisadores. Polany (1958) vê o conhecimento tácito como uma forma pessoal de conhecimento: os indivíduos só podem obter a partir da experiência direta em um determinado domínio. Outro aspecto que caracteriza o conhecimento tácito, é que ele se encontra de forma não-verbal, o que dificulta sua transmissão a outra pessoa. Geralmente ele encontra-se incorporado na rotina e na cultura das organizações.

Sua aquisição pode ocorrer por meio da observação e replicação, situações que são propiciadas ao longo da formação profissional e está ligado a processos individuais como a experiência, a internalização, ou aos talentos individuais. Neste sentido, compreende-se que não pode ser gerido e ensinado da mesma maneira que o conhecimento explícito (HALDIN-HERRGARD, 2000).

Considerando a importância do conhecimento, Treleaven e Sykes (2005) acreditam que o conhecimento tácito seja o conhecimento de maior valor e, se não for compartilhado com os outros, morre com o indivíduo (HALDIN-HERRGARD, 2000).

O segundo aspecto do conhecimento na dimensão epistemológica está o conhecimento explícito, o qual pode ser expresso em símbolos e comunicado a outros indivíduos por uso desses símbolos (SCHULZ, 1998). O conhecimento explícito tem a haver com os códigos: regras organizacionais, manuais, rotinas, *software* e procedimentos que podem ser explicitados, com a possibilidade de transferir e compartilhar (GROTTO, 2003). Este tipo de conhecimento é dependente da compreensão e aplicação dele (GUZMAN, 2015). Por ser possível sua decodificação, ele é facilmente comunicado e refere-se a todo o corpo de conhecimentos que pode ser integralmente articulado. Sua estocagem pode ocorrer de formas distintas, sejam elas mecânicas ou tecnológicas. No entanto sua armazenagem pode ser feita somente por pessoas (HALDIN-HERRGARD, 2000).

2.1 Compartilhamento do conhecimento

A prática do compartilhamento do conhecimento encontra-se no cerne de todo o processo da gestão do conhecimento por ser um condicionador para os processos que envolvem sua gestão (NONAKA; TAKEUCHI, 1997).

Davenport e Prusak (1998) corroboram com Nonaka e Takeuchi (1997), sobre a real importância do compartilhamento do conhecimento e apontam que em toda a organização há algum tipo de compartilhamento, mesmo que não identificado pela empresa. São compartilhamentos que ocorrem de maneira informal e que foram sendo apreendidos ao longo do tempo por facilitar a troca e a transmissão entre as pessoas.

Na visão de Nonaka e Takeuchi (1997) o compartilhamento do conhecimento pode

ocorrer de quatro formas: pela socialização, pela externalização, pela combinação e pela internalização. Nos processos que se referem às formas de socialização, está presente a interação social que permite que o conhecimento de uma pessoa possa ser apropriado pelo grupo. Neste sentido, para que um conhecimento individual possa ser compartilhado por um grupo, surge a necessidade de externalização. Nesta etapa que consiste na exposição do conhecimento a outros, o grande desafio é a externalização do conhecimento tácito. Na última etapa, a da combinação, ocorre a ligação dos conhecimentos explícitos das pessoas que por meio de uma linguagem comum, criam possibilidades para a construção de novos conhecimentos.

Já Davenport e Prusak (1998) além de apontarem os meios informais de compartilhamento de conhecimento, como encontros casuais de trocas de experiências vividas, sinalizam a importância das práticas formais baseadas em ferramentas tecnológicas capazes de facilitar a localização do conhecimento quando ele é necessário para que na ausência destas práticas, as pessoas lancem mão do que estiver mais acessível ou desperdicem recursos buscando fora um conhecimento já existente.

Dentre as práticas formais e informais Davenport e Prusak (1998) citam a conversa, local e ocasião de encontro, a feira de conhecimento, a reunião, a palestra/apresentação, o fórum eletrônico, o telefone, o correio eletrônico e o repositório de conhecimento.

Fatores que influenciam o compartilhamento do conhecimento

Os processos de construção do conhecimento estão estreitamente ligados ao compartilhamento do conhecimento. A ação de compartilhar propicia a geração de novas ideias, novas possibilidades de implementação de processos, novos produtos e serviços (NONAKA; TAKEUCHI, 1997).

Neste sentido, compreendendo-se que o conhecimento está com as pessoas que compõem a organização (HONG; SUH; KOO, 2011) e para que haja compartilhamento desses conhecimentos, há a dependência de que as pessoas decidam transmiti-lo, para que os demais indivíduos possam se beneficiar e utilizá-lo (WONS, 2018).

Porém, o compartilhamento do conhecimento tem sido uma grande barreira para muitas organizações. Partindo do pressuposto de que o conhecimento é um ativo que traz consigo valor considerável, é natural a análise de que sua exposição possa empreender uma relação de troca de interesses (GROTTO, 2001).

Davenport e Prusak (1998) afirmam que os esquemas que envolvem os aspectos compensadores pelo compartilhamento do conhecimento também são definidos. Os autores apontam o aspecto da reciprocidade, isto é, no momento em que as pessoas dividem seus conhecimentos, ela ganha o reconhecimento de alguém que compartilha conhecimento com os outros, logo os demais passarão a compartilhar com ela também. O outro aspecto está relacionado a reputação. A pessoa deseja ser reconhecida como alguém que possui conhecimento. Um outro fator pontuado pelos autores é o altruísmo

que se apresenta quando a pessoa aprecia e se envolve emocionalmente pelo próprio conhecimento. A pessoa apresenta um sentimento de realização em compartilhá-lo sempre que possível. Já o último fator é a confiança. Em outras palavras, a pessoa só compartilha conhecimento com aqueles em quem confia e que reconhecem e valorizam a pessoa que o compartilhou.

Nas pesquisas de Ipê (2003) foram apontados os principais fatores que influenciam o compartilhamento do conhecimento entre os indivíduos na(s) organização(ões): a) natureza do conhecimento; b) valor; c) motivação; d) oportunidades; e e) cultura do ambiente de trabalho.

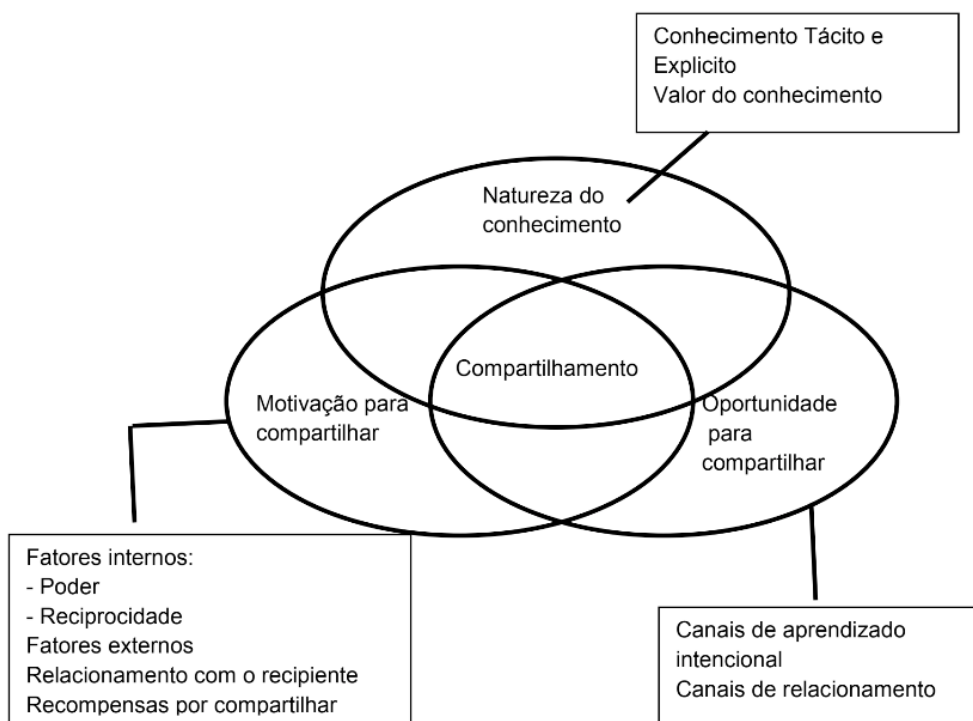


Figura 1 - Fatores que influenciam o compartilhamento do conhecimento entre os indivíduos na organização.

Fonte: Adaptado de Ipe (2003)

Observa-se da Figura 1 os fatores que influenciam o compartilhamento do conhecimento, sendo elas:

a) Natureza do Conhecimento. Aqui apresentado nas formas de conhecimento tácito e explícito. As principais diferenças entre esses dois tipos podem ser vistas nos aspectos que se relacionam a confiabilidade e mecanismos de transferência, a métodos para a

aquisição e acumulação e potencial para coletar e distribuir (LAM, 2000).

b) Valor do conhecimento. A percepção de que o conhecimento é um ativo de valor importante para as organizações e que sua propriedade recebe reconhecimento tanto das pessoas como das organizações, faz com o compartilhamento de conhecimento seja algo mediado por decisões: qual conhecimento compartilhar, quando compartilhar, com quais pessoas (ANDREWS; DELAHAYE, 2000). Estas ponderações vêm do fato de que, em diversas situações organizacionais, o conhecimento individual está ligado ao status, às perspectivas de carreira e à reputação individual (ANDREWS; DELAHAYE, 2000). Estas percepções inibem o compartilhamento do conhecimento, pois estão bem relacionadas a valorização das pessoas pela organização de acordo com o conhecimento que estas detêm.

c) Motivadores. Para Davenport *et al.*, 1998, o conhecimento está relacionado com os egos e as funções das pessoas e não circula espontaneamente nas organizações.

De acordo com Stenmark (2001), as pessoas não apreciam compartilhar conhecimento se não tiverem importantes motivações pessoais. Para este autor, os fatores que podem motivar pessoas a decidirem compartilhar conhecimento podem ser classificados em internos e externos. Os internos abarcam o poder percebido relacionado ao conhecimento e a reciprocidade que resulta seu compartilhamento. Os fatores externos incluem as relações com os que recebem este conhecimento compartilhado e as recompensas por compartilhar.

Sobre este aspecto das recompensas, as pesquisas realizadas por Chugh (2012) apontaram que os incentivos verbais têm um efeito mais positivo do que programas de recompensas materiais porque estimulam a motivação entre as pessoas e contribuem para um desempenho melhor da equipe, além de promover a confiança e contribuir para um ambiente mais positivo

Nos fatores internos, a reciprocidade (dar e receber conhecimento) pode ser um excelente motivador se as pessoas envolvidas perceberem o valor que existe em compartilhar seus próprios conhecimentos com outras pessoas. Molm, Takahashi e Peterson (2000) explicam que atos recíprocos são aqueles em que as pessoas dividem seus conhecimentos, sem saber se o outro vai apresentar a mesma atitude. Neste sentido, a pessoa estaria antecipando o compartilhamento para depois constatar se os resultados trouxeram benefícios.

Para Schulz (2001) as experiências práticas entre reciprocidade e compartilhamento indicam haver um estímulo no fluxo de conhecimento recíproco na direção do remetente, tanto horizontal como verticalmente, nas organizações.

Bartol e Srivastava (2002) também apontam as relações entre reciprocidade e compartilhamento de conhecimento. Em suas pesquisas a reciprocidade é também observada como um motivador de compartilhamento em comunidades de prática. Aqui o compartilhamento contribui para a melhora das competências dos participantes.

Como um dos fatores externos que estimulam a motivação para compartilhar é a relação entre o remetente e o destinatário que é composta basicamente pelo elemento delicado da confiança. A confiança está entre as quatro dimensões primárias das organizações, responsável por influenciar diretamente as ações das pessoas. Ela facilita a aprendizagem e as decisões para a troca de conhecimento, afetando inclusive a forma como o conhecimento será partilhado (HUEMER; VON KROGH; ROOS, 1998; KRAMER, 1999).

A importância da confiança como estímulo ao compartilhamento nas organizações foi apontada também por Andrews e Delahaye (2000). Eles concluíram a confiança como principal responsável pela forma como ocorre o compartilhamento e assevera que sem esta base, as práticas comuns de compartilhamento de conhecimento não foram suficientes para estimular as pessoas a compartilharem seus conhecimentos.

Em contrapartida, Kramer (1999) pontuou que barreiras ligadas à confiança despertam nas pessoas a percepção de que podem ser exploradas pelos outros ao dividirem o que sabem ou que os outros não estão contribuindo igualmente para a comunidade.

Outro fator externo que pode contribuir para o compartilhamento do conhecimento são as recompensas. A relação entre compartilhamento de conhecimento e incentivos são apoiadas por alguns pesquisadores que apontaram resultados interessantes especialmente na utilização de prêmios na criação e compartilhamento de conhecimento em intranets (NOBEOKA, 2000) e em projetos iniciais de implantação de Gestão do Conhecimento nas organizações (EARL, 2001).

No entanto, há pesquisadores que argumentam que somente incentivos concretos não são suficientes para motivar o compartilhamento nas organizações. O ponto principal é que as pessoas participam das atividades de compartilhamento por causa da recompensa intrínseca advinda do próprio trabalho ou motivadas por um sentimento de envolvimento e contribuição. Há também a ponderação de que a longo prazo, a menos que as ações envolvidas em compartilhar conhecimento auxiliem as pessoas a alcançar seus próprios objetivos, os incentivos não são suficientes para suportar o sistema (MCDERMOTT; O'DELL, 2001, O'DELL; GRAYSON, 1998).

d) Oportunidades para compartilhar. Pode-se observar de forma geral as oportunidades de natureza formal ou informal. As oportunidades formais são compostas de programas de treinamento, equipes de trabalho estruturadas e sistemas de base tecnológica que facilitam o compartilhamento do conhecimento. Conhecidos também como canais de aprendizagem intencionais, são elaborados especificamente para a divulgação do conhecimento (RULKE; ZAHEER, 2000). Suas vantagens são a rápida conexão com um grande número de pessoas e por permitirem um rápido compartilhamento de conhecimento. No entanto, o conhecimento compartilhado dessa forma tende a ser, principalmente, de natureza explícita (NONAKA; TAKEUCHI, 1995; RULKE; ZAHEER, 2000).

Já as oportunidades informais são compostas por relacionamentos pessoais e

redes sociais que facilitam a aprendizagem e o compartilhamento. Podem ser chamadas de canais de aprendizagem relacional, baseiam-se na comunicação face a face, o que propicia o desenvolvimento da confiança (RULKE; ZAHEER, 2000).

e) Cultura do ambiente de trabalho. A cultura da organização, que abarca todos os outros fatores anteriores, interfere diretamente no compartilhamento do conhecimento (HONG; SUH; KOO, 2011). Aspectos como crenças, valores e costumes individuais que integram a cultura organizacional são pontos que precisam ser considerados nas tentativas de estimular o compartilhamento do conhecimento (TOMAEL, 2010). Logo, produção ou criação de conhecimento, em uma visão diferente daquela relacionada somente à aquisição de conhecimento, depende da socialização e interação das pessoas para que os conhecimentos já produzidos possam ser transformados em novos conhecimentos (NONAKA; TAKEUCHI, 1997; MIRANDA, 1997).

2.2 Práticas de compartilhamento de conhecimento

As práticas de GC são significativas quando integradas às estratégias da organização e suas principais metas (SERVIN, 2005). Dentro desta visão, existem formas de estimular o compartilhamento do conhecimento, como as práticas planejadas e suportadas por uma gestão que favorece o fluxo de conhecimento em uma organização, entre as pessoas e as equipes (EGBU, 2013). Para este artigo, entenderemos práticas de GC como rotinas observáveis envolvidas diretamente no desenvolvimento e uso do conhecimento visando alcançar a consecução dos objetivos da organização.

A partir desta perspectiva, as práticas de GC estão relacionadas aos aspectos da organização que são geridos de forma consciente e intencional, as quais podem ser formais ou informais (ANDREEVA; Kianto 2014).

Entre elas, apresentamos as práticas propostas por Batista (2006) que são classificadas em três categorias:

a) Práticas que se relacionam a gestão de recursos humanos: Narrativas (úteis para explanar assuntos difíceis, expor situações e lições apreendidas), fóruns (presenciais e virtuais), listas de discussão (para discutir, homogeneizar e compartilhar conhecimentos), mentorias, *coaching* e comunidades de prática.

b) Práticas relacionadas à estruturação dos processos organizacionais que facilitam a geração, retenção, organização e compartilhamento do conhecimento organizacional. O *benchmarking* pode ser apontado como uma prática em busca de melhores referências que serve de medida comparativa para os serviços das organizações.

c) Práticas com base tecnológica que suportam a GC organizacional. Aqui incluem-se as TICs para a Gestão Eletrônica de Documentos. Consiste em uma prática adotada na gestão que utiliza aplicativos informatizados para gerenciar a emissão, edição, transmissão, conservação e rejeição de documentos. Entre eles, pode-se apontar os portais, intranets e extranets, data mining (mineradores de dados – que tem como característica

a alta capacidade de associação de termos, permitindo assim achar assuntos ou temas específicos.

3 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa realizada é de abordagem qualitativa de natureza exploratória, pois busca compreender e inter-relacionar as bases teóricas e práticas que envolvem o estudo da Gestão do Conhecimento e os processos desenvolvidos empiricamente pela organização que favoreçam o compartilhamento do conhecimento (OLIVEIRA; MORAIS; DOURADO 2008, SILVERMAN, 2013). Como estratégia de pesquisa optou-se pelo estudo de caso único que buscou compreender em profundidade e detalhamento o tema em questão, possibilitando um estudo profundo, exaustivo e detalhado (Yin, 2005). O objeto de pesquisa foi a Ranga Confecções (nome fictício utilizado nesta pesquisa para a preservação da identidade da empresa).

As informações utilizadas na pesquisa foram levantadas em 2 etapas: (A) entrevistas semiestruturadas, com objetivo de identificar os processos desenvolvidos pela organização que favorecem a gestão do conhecimento e (B) análise documental que teve o intuito de corroborar ou não com os processos identificados favoráveis a gestão do conhecimento na organização pesquisada.

Antes da realização da primeira etapa da pesquisa foi estruturado o roteiro de entrevistas semiestruturadas (Etapa A). O mesmo foi elaborado com base no referencial teórico e passou por validação, realizada por um professor doutor especializado no tema Gestão do Conhecimento. As sugestões feitas no processo de validação foram incorporadas.

A etapa (A) teve início com a coleta de dados a partir de entrevistas semiestruturadas em profundidade, baseadas no instrumento de pesquisa previamente elaborado e validado (Godoy, 2010). As entrevistas foram realizadas com os três diretores da Ranga Confecções (Figura 2). A escolha destes gestores se deu por conveniência, uma vez que apresentam um alto grau de experiência e suas funções comportam áreas estratégicas da empresa.

Função/Cód. Análise	Formação Profissional	Experiência	Sexo	Duração
Gerente de departamento pessoal (EDP)	Superior em Ciências Contábeis	30 anos	F	13:25
Gerente financeiro (EGF)	Ensino Médio	30 anos	M	11:59
Gerente de produção	Superior em Química Industrial	30 anos	F	11:20

Figura 2. Lista de participantes da entrevista na Ranga Confecções.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Para a análise dos dados optou-se pela utilização da análise de conteúdo temática

nas duas etapas, pois esta delinea-se por tema, permitindo a formação de categorias e subcategorias de análise (BARDIN, 2011), o que permitiu a divisão das informações dentro de categorias já pré-estabelecidas pelas pesquisadoras (as mesmas categorias que orientaram a estruturação dos instrumentos de pesquisa). Entre os benefícios de trabalhar-se com categorias pré-estabelecidas estão inicialmente as comodidades de um certo balizamento que permite ao pesquisador classificar diretamente suas unidades de análises dentro destas categorias iniciais e em seguida diversificá-las em subcategorias (CAMPOS, 2004).

O processo foi realizado da seguinte forma (para o material coletado nas duas etapas): em um arquivo *Word* foram separados os conteúdos das falas e dos documentos da Ranga Confecções dentro de cada categoria e em seguida realizada a análise.

Quanto ao objeto de pesquisa, a Ranga Confecções foi escolhida por ser uma empresa de abrangência nacional que possui grande representatividade no setor em que atua há mais de 30 anos, está presente nas cinco regiões brasileiras e abastece com suas confecções uma rede de lojas de roupas populares que possui 500 unidades em operação em todo o Brasil e Uruguai.

A Ranga Confecções é uma empresa familiar presidida por três sócios com grau de parentesco de irmãos, que organizaram a administração da empresa entre os setores de produção, PCP e modelagem e administrativo, possuindo três gestores da produção e um responsável pelo PCP e modelagem.

A representatividade de mercado que a Ranga Confecções possui apresentando um faturamento em 2019 de R\$4.900.000,00 aliada ao fato, de apesar do seu tamanho, não possuir um modelo de gestão de conhecimento que se revele em sua organização, fez com que ela se caracteriza como um consistente objeto de pesquisa.

4 | ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Apresentam-se os resultados da pesquisa e respectiva discussão sobre os processos internos da organização pesquisada que favorecem a gestão do conhecimento.

Sobre a categoria **características do conhecimento**, percebeu-se pelos relatos dos entrevistados que no desenvolvimento de suas atividades do dia a dia todos utilizam prioritariamente os conhecimentos adquiridos por suas práticas, abrindo espaço para considerar as trocas de conhecimento com outros colegas. Quando há a necessidade de busca de conhecimento, as respostas divergem. Para o EDP as maiores buscas são por documentos legais, normas governamentais, para EGP os concorrentes são sua importante parceria, já para o EGF, a internet, redes sociais e programas diversos dentro da organização auxiliam neste processo. Sobre a atualização dos processos de conhecimento interno, pontuou-se a preocupação da organização em buscar conhecimentos a fim de realizarem suas atividades dentro da legislação, mencionou-se também que as práticas

diárias podem ensinar muito. Não houve nenhuma consideração sobre o uso dos conhecimentos adquiridos em capacitações ou treinamentos. Na análise dos documentos da empresa, também não foram encontradas evidências sobre os métodos utilizados para a busca de novos conhecimentos.

No que se refere à categoria **motivação para o compartilhamento do conhecimento**, as respostas apresentaram riqueza de opinião. A ideia de obter mais conhecimento que proporciona crescimento a todos na organização sem custo foi pontuada pelo EGF. O crescimento geral da organização foi mencionado pelo EDP e as reflexões sobre a importância do compartilhamento para os profissionais como ganho pessoal foi citado pela EGP. No entanto, segundo o relato das entrevistas e nos documentos da empresa, não há evidências de processos formais que estimulem o compartilhamento do conhecimento entre os colaboradores. Contudo houve a menção do EGF sobre os registros pessoais que faz: “tudo o que eu faço deixo registrado para que sirva de exemplo para as tomadas de decisão do amanhã”.

Quanto às motivações pessoais dos proprietários para compartilhar conhecimento percebeu-se nos relatos da EDP e EGP, o que Davenort e Prusak (1998) apontam como altruísmo, a qual a pessoa compartilha o que sabe por sentir-se realizada com isso e por envolver-se emocionalmente com o conhecimento.

Acerca da categoria **práticas para compartilhamento do conhecimento** observou-se pelos relatos de todos os entrevistados que a empresa não possui reuniões específicas para estas trocas, o compartilhamento ocorre de maneira informal, pelos corredores da empresa e nos momentos em que as pessoas estão executando suas atividades. Percebe-se isso pela fala da EGP “a gente não tem isso 100%, mas a gente percebe entre eles que dividem um com o outro, às vezes não tem a pessoa lá para ensinar, então elas (colaboradoras) ensinam uma a outra”.

Outra prática comum de compartilhamento de conhecimento, a tutoria, foi mencionada pelo EGF que defendeu o seu uso por entender que “nenhum ser humano é tão grande que não possa aprender com o outro”. Na Ranga Confeções este aprendizado acontece além da tutoria, em treinamentos específicos por área. Segundo os entrevistados, elas ocorrem em maior número para as pessoas da produção, onde os temas de segurança no trabalho são os mais ressaltados. Também há treinamentos específicos para a liderança com o objetivo de ajudar os líderes a desenvolverem sua equipe. No entanto, segundo os depoimentos dos entrevistados e nos documentos da empresa, a Ranga Confeções não tem um programa de recompensas para as pessoas que criam e partilham conhecimento.

Quanto as formas de armazenamento e compartilhamento do conhecimento que circulam na empresa, foram apontadas nas entrevistas os documentos, os *e-mails* e as agendas pessoais. Para o EGP, este é um importante assunto que a organização ainda não formalizou, mas que está entre seus objetivos de crescimento para o futuro da empresa.

51 CONCLUSÃO

A partir das análises sobre o objeto de estudo, Ranga Confecções, foi possível concluir de forma evidente que os gestores compreendem de forma tácita a importância da Gestão do Conhecimento, contudo, não apresentam ações concretas e tecnologias específicas para fomentá-la. Compreendeu-se que a gestão do conhecimento ocorrido na empresa Ranga Confecções é um assunto ainda pouco discutido, mas internamente é considerado importante.

Sugere-se que a organização busque investir em tecnologias e aplicações para fortalecer e melhorar a sua gestão do conhecimento, incluindo a possibilidade de cursos, consultoria e afins. Pois assim com ações concretas e sistematizadas trazem a possibilidade de análise na busca de melhor performance organizacional.

Para futuras pesquisas sugere-se compreender os possíveis impactos da gestão do conhecimento em formato informal na manutenção do conhecimento interno, dos procedimentos e das aplicações práticas na resolução de conflitos.

AGRADECIMENTOS

Para inclusão em caso de aceite

REFERÊNCIAS

ANDREWS, K. M.; DELAHAYE, B. L. Influences on knowledge processes in organizational learning: The psychosocial filter. **Journal of Management studies**, v. 37, n. 6, p. 797-810, 2000.

BARDIN, L. (2011). **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70.

DAVENPORT, T. H., PRUSAK, L. Conhecimento empresarial. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

DAVENPORT, T. H.; ECCLES, R. G.; PRUSAK, L. Information politics. The strategic management of intellectual capital, p. 101-120, 1998.

GODOY, A. S. (2010). Estudos de caso qualitativo. In: Godoi, C. K.; Bandeira-De-Melo, R. & Silva. A. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva.

HALDIN-HERRGARD, T. Difficulties in diffusion of tacit knowledge in organizations. **Journal of Intellectual capital**, v. 1, n. 4, p. 357-365, 2000.

IPE, M. Knowledge sharing in organizations: A conceptual framework. **Human resource development review**, v. 2, n. 4, p. 337-359, 2003.

KLEIN, H. K.; LYYITINEN, K. The poverty of scientism in information systems. In: MUNFORD, E.; HIRSCHHEIM, R.; FITZGERALD, G.; WOOD-HARPER, A. T. (Orgs). *Research methods in information systems*. North-Holland: Elsevier Science Publishers/Manchester Business School, 1985.

LAM, A. Tacit knowledge, organizational learning and societal institutions: an integrated framework. **Organization studies**, v. 21, n. 3, p. 487-513, 2000.

MATURANNA, H.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Palas Athena, 2003.

NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. **Criação de conhecimento na empresa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

NONAKA, I.; KROGH, G. Tacit knowledge and knowledge conversion: controversy and advancement in organizational knowledge creation theory. **Organization Science**, v. 20, n. 3, p. 635-652, 2009

OLIVEIRA, J. F.; MORAES, K. N. & DOURADO, L. F. (2018). Gestão escolar democrática: definições, princípios e mecanismos de implementação. In: BRASIL. Escola de gestores da educação básica: sala políticas e gestão da educação. Brasília, DF: MEC, p. 1-13.

POLANYI, M. Personal knowledge – towards a post-critical Philosophy. Chicago: **The University of Chicago Press**, 1958.

RIEGE, A. Three-dozen knowledge-sharing barriers managers must consider. **Journal of knowledge management**, v. 9, n. 3, p. 18-35, 2005

SENGE, P. M. Creating Learning Communities: Only with friends can we risk learning meaningful things. **Executive Excellence**, v. 14, p. 17-17, 1997

SILVERMAN, D. (2013). **Doing Qualitative Research**. London: Sage.

STENMARK, M. **Scientism**: Science, ethics and religion. 2001.

YIN, R. K. (2005). **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3 ed. Porto Alegre: Bookman.

SOBRE O ORGANIZADOR

MARCELO PEREIRA DA SILVA - Pós-Doutor em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. Atualmente, é docente permanente do Mestrado Interdisciplinar em “Linguagens, Mídia e Arte” e do curso de Relações Públicas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-CAMP).

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abordagem qualitativa 59, 60, 67

Análise de discurso 1, 6

Análise documental 59, 67

B

Brasil 4D 46, 47, 48, 49, 50, 53, 54, 55, 56, 57

C

Compartilhamento de conhecimento 59, 60, 62, 64, 65, 66, 69

Comunicação 1, 2, 3, 13, 14, 15, 18, 22, 46, 47, 48, 50, 51, 56, 57, 58, 66, 72

Conhecimento 3, 6, 18, 24, 32, 33, 34, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71

Conhecimento informal 59

Criatividade 14, 18, 19

D

Distrito Federal 46, 48

E

Entrevista semiestruturada 60

Enunciação 1, 7, 9, 10, 11, 13

Estudo de caso 14, 15, 19, 45, 50, 59, 60, 67, 71

Extroversão 14, 16, 17, 21, 22

I

Identidade 4, 24, 25, 30, 31, 34, 39, 41, 49, 56, 67

Imaginário português 1, 7, 12

Inclusão digital 46

Informação 2, 3, 6, 20, 21, 24, 25, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58

Informação pública 46, 47, 48, 56

Introversão 14, 15, 16, 17, 21

J

Jornal expresso 1, 6, 8, 13

Jornalismo 1, 2, 12, 13

M

Memória coletiva 24, 27, 28, 31

Motivações 59, 64, 69

Mulher brasileira 1, 2, 6, 7, 8, 12, 13

N

Natureza exploratória 59, 60, 67

O

Ontologia aplicada 32, 33, 34, 38, 43

Organização do conhecimento 32, 43, 45

P

Pesquisa 15, 20, 21, 31, 32, 33, 44, 48, 57, 59, 60, 67, 68, 70

Portela 24, 25, 27, 28, 31

Publicidade 14, 18, 19, 20, 21, 22, 23

R

Representação 6, 24, 25, 30, 32, 33, 34, 35, 41, 44, 46, 47

Representação cultural 24, 25, 30

Representação do conhecimento 32, 44

S

Samba-enredo 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31

T

Teorias do jornalismo 1, 2, 12

TV Digital interativa 46, 47, 56

U

Usabilidade 46, 47, 53, 56, 57

Gestão e Organização da Informação e do Conhecimento 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](#) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Gestão e Organização da Informação e do Conhecimento 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](#) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 